

# A Gênese



*Allan Kardec*

**PARTE II – Os milagres segundo o Espiritismo**  
**CAPÍTULO XV – Os milagres do Evangelho**

## Índice

| Assunto   | Origem               | Pagina  |
|---|----------------------|---------|
| I – Superioridade da natureza de Jesus                      | A Gênese             | 04      |
| <b>Incessante desejo de fazer o bem</b>                     | O Consolador         | 06      |
| II – Sonhos   | A Gênese             | 07      |
| <b>Sono e sonhos</b>  | O Consolador         | 08      |
| III – Estrela dos magos                                     | A Gênese             | 09      |
| <b>Estrela de Belém ou Estrela de Natal</b>                 | Wikipédia            | 10      |
| IV – Dupla vista  | A Gênese             | 11      |
| <b>IV. I Entrada de Jesus em Jerusalém</b>                  | Wikipédia            | 11 / 12 |
| <b>IV. II Beijo de Judas</b>                                | Wikipédia            | 13 / 14 |
| <b>IV. III Pesca milagrosa</b>                              | Wikipédia            | 15 / 16 |
| <b>IV. IV Vocação de Pedro, André, Tiago, João e Mateus</b> | O Consolador         | 17 / 18 |
| V – Curas   | A Gênese             | 20      |
| <b>V. I Perda de sangue</b>                                 | DM Estudos Espíritas | 20 / 21 |
| <b>V. II Cego de Betsaida</b>                               | DM Estudos Espíritas | 22 / 23 |
| <b>V. III Paralítico</b>                                    | DM Estudos Espíritas | 24 / 25 |
| <b>V. IV Os dez leprosos</b>                                | DM Estudos Espíritas | 26 / 27 |
| <b>V. V Mão seca</b>  | DM Estudos Espíritas | 28 / 29 |
| <b>V. VI A mulher curvada</b>                               | DM Estudos Espíritas | 30 / 31 |
| <b>V. VII O paralítico da piscina</b>                       | DM Estudos Espíritas | 32 / 34 |
| <b>V. VIII Cego de nascença</b>                             | DM Estudos Espíritas | 35 / 37 |
| <b>V. IX Numerosas curas operadas por Jesus</b>             | DM Estudos Espíritas | 38 / 39 |
| VI – Possessos  | A Gênese             | 40      |
| <b>A possessão, segundo Kardec</b>                          | O Consolador         | 43      |
| <b>Possessos</b>  | DM Estudos Espíritas | 44      |
| VII – Ressurreições   | A Gênese             | 45      |
| <b>A filha de Jairo</b>                                     | O Consolador         | 45 / 46 |
| <b>O Evangelho segundo Lucas</b>                            | O Consolador         | 47 / 49 |

## A Gênese – (Parte II – Capítulo XV)

|  |                      |    |
|--|----------------------|----|
| VIII – <b>Jesus caminha sobre a água</b>                 | A Gênese             | 50 |
| <b>O Evangelho segundo João</b>                          | O Consolador         | 51 |
| IX – <b>Transfiguração</b>                               | A Gênese             | 52 |
| <b>Jesus na sessão Espírita do Tabor</b>                 | O Consolador         | 53 |
| X – <b>Tempestade aplacada</b>                           | A Gênese             | 55 |
| <b>Tempestade aplacada</b>                               | DM Estudos Espíritas | 56 |
| XI – <b>Bodas de Caná</b>                                | A Gênese             | 57 |
| <b>Bodas de Caná: o primeiro sinal</b>                   | O Consolador         | 58 |
| XII – <b>Multiplicação dos pães</b>                      | A Gênese             | 60 |
| <b>Multiplicar os pães</b>                               | O Consolador         | 61 |
| XIII – <b>Tentação de Jesus</b>                          | A Gênese             | 64 |
| <b>As tentações numa perspectiva Espírita</b>            | O Consolador         | 65 |
| XIV – <b>Prodígios por ocasião<br/>da morte de Jesus</b> | A Gênese             | 66 |
| <b>Na frente do bem</b>                                  | O Consolador         | 67 |
| XV – <b>Aparição de Jesus após sua morte</b>             | A Gênese             | 69 |
| <b>Reflexão</b>  | O Consolador         | 73 |
| XVI – <b>Desaparecimento do corpo de Jesus</b>           | A Gênese             | 75 |
| <b>Diante da morte</b>                                   | O Consolador         | 77 |

**Parte II – Os milagres segundo o Espiritismo**

**Capítulo XV – Os Milagres do Evangelho**

**I – SUPERIORIDADE DA NATUREZA DE JESUS**

**1.** Os fatos que o Evangelho relata e que foram até hoje considerados milagrosos pertencem, na sua maioria, à ordem dos fenômenos psíquicos, isto é, dos que têm como causa primária as faculdades e os atributos da alma.

Confrontando-os com os que ficaram descritos e explicados no capítulo precedente, reconhecer-se-á sem dificuldade que há entre eles identidade de causa e de efeito.

A História registra outros análogos, em todos os tempos e no seio de todos os povos, pela razão de que, desde que há almas encarnadas e desencarnadas, os mesmos efeitos forçosamente se produziram.

Pode-se, é certo, contestar, no que concerne a este ponto, a veracidade da História; mas, hoje, eles se produzem às nossas vistas e, por assim dizer, à vontade e por indivíduos que nada têm de excepcionais.

O só fato da reprodução de um fenômeno, em condições idênticas, basta para provar que ele é possível e se acha submetido a uma lei, não sendo, portanto, miraculoso.

O princípio dos fenômenos psíquicos repousa, como já vimos, nas propriedades do fluido perispiritual, que constitui o agente magnético; nas manifestações da vida espiritual durante a vida corpórea e depois da morte; e, finalmente, no estado constitutivo dos Espíritos e no papel que eles desempenham como força ativa da Natureza.

Conhecidos estes elementos e comprovados os seus efeitos, tem-se, como consequência, de admitir a possibilidade de certos fatos que eram rejeitados enquanto se lhes atribuía uma origem sobrenatural.

**2.** Sem nada prejudicar quanto à natureza do Cristo, natureza cujo exame não entra no quadro desta obra, considerando-o apenas um Espírito superior, não podemos deixar de reconhecê-lo um dos de ordem mais elevada e colocado, por suas virtudes, muitíssimo acima da humanidade terrestre.

Pelos imensos resultados que produziu, a sua encarnação neste mundo forçosamente há de ter sido uma dessas missões que a Divindade somente a seus mensageiros diretos confia, para cumprimento de seus desígnios.

Mesmo sem supor que ele fosse o próprio Deus, mas unicamente um enviado de Deus para transmitir sua palavra aos homens, seria mais do que um profeta, porquanto seria um Messias divino.

Como homem, tinha a organização dos seres carnis; porém, como Espírito puro, desprendido da matéria, havia de viver mais da vida espiritual, do que da vida corporal, de cujas fraquezas não era passível.

A sua superioridade com relação aos homens não derivava das qualidades particulares do seu corpo, mas das do seu Espírito, que dominava de modo absoluto a matéria e a do seu perispírito, tirado da parte mais quintessenciada dos fluidos terrestres (cap. XIV, nº 9).

Sua alma, provavelmente, não se achava presa ao corpo, senão pelos laços estritamente indispensáveis.

Constantemente desprendida, ela decerto lhe dava dupla vista, não só permanente, como de excepcional penetração e superior de muito à que de ordinário possuem os homens comuns.

O mesmo havia de dar-se, nele, com relação a todos os fenômenos que dependem dos fluidos perispirituais ou psíquicos.

A qualidade desses fluidos lhe conferia imensa força magnética, secundada pelo incessante desejo de fazer o bem.

Agiria como médium nas curas que operava? Poder-se a considerá-lo poderoso médium curador?

Não, porquanto o médium é um intermediário, um instrumento de que se servem os Espíritos desencarnados e o Cristo não precisava de assistência, pois que era ele quem assistia os outros.

## **A Gênese – (Parte II – Capítulo XV)**

Agia por si mesmo, em virtude do seu poder pessoal, como o podem fazer, em certos casos, os encarnados, na medida de suas forças.

Que Espírito, ao demais, ousaria insuflar-lhe seus próprios pensamentos e encarregá-lo de os transmitir? Se algum influxo estranho recebia, esse só de Deus lhe poderia vir.

Segundo definição dada por um Espírito, ele era médium de Deus.

**Crônicas e Artigos**

316 – 16/06/2013

O Consolador – (Orson Peter Carrara)

**I. Superioridade da natureza de Jesus**

**Incessante desejo de fazer o bem**

Todavia, para motivar o leitor, transcrevo parcialmente o item 2 do capítulo XV – Os Milagres do Evangelho, onde estão os fenômenos ligados à vida de Jesus durante sua permanência no planeta, como as curas (com diversas descrições e comentários de Kardec), os sonhos, a estrela dos magos, dupla vista, o beijo de Judas, a pesca milagrosa, os casos de possessos e das ressurreições da filha de Jairo, do filho da viúva de Naim; o caminhar sobre as águas, a transfiguração, a tempestade acalmada, a multiplicação de pães, entre outras maravilhosas anotações.

Submeto ao leitor a referida transcrição parcial, comentando sobre a superioridade da natureza de Jesus:

“Não podemos deixar de reconhecê-lo um dos de ordem mais elevada, e colocado, por suas virtudes, muitíssimo acima da humanidade terrestre.

Pelos imensos resultados que produziu, a sua encarnação neste mundo forçosamente há de ter sido uma dessas missões que a Divindade somente a seus mensageiros diretos confia, para cumprimento de seus desígnios.

Como Espírito puro, desprendido da matéria, havia de viver mais da vida espiritual, do que da vida corporal, de cujas fraquezas não era passível.

Sua alma, provavelmente, não se achava presa ao corpo, senão pelos laços estritamente indispensáveis.

Constantemente desprendida, ela decerto lhe dava dupla vista, não só permanente, como de excepcional penetração e superior de muito à que de ordinário possuem os homens comuns.

O mesmo havia de dar-se, nele, com relação a todos os fenômenos que dependem dos fluidos perispirituais ou psíquicos.

A qualidade desses fluidos lhe conferia imensa força magnética, secundada pelo incessante desejo de fazer o bem.

Agiria como médium nas curas que operava? Poder-se-á considerá-lo poderoso médium curador? Não, porquanto o médium é um intermediário, um instrumento de que se servem os Espíritos desencarnados e o Cristo não precisava de assistência, pois que era ele quem assistia os outros. Agia por si mesmo, em virtude de seu poder pessoal.

Que Espírito, ao demais, ousaria insuflar-lhe seus próprios pensamentos e encarregá-lo de os transmitir? Se algum influxo estranho recebia, esse só de Deus lhe poderia vir.

Segundo definição dada por um Espírito, ele era médium de Deus”.

Não é extraordinário pensar no alcance da transcrição acima? Nesses tempos de desarmonia, de dificuldades atroz que assolam o planeta, como não pensar no Modelo e Guia da Humanidade?

Como não buscá-lo, segui-lo?

## **A Gênese – (Parte II – Capítulo XV)**

### **II – SONHOS**

**3.** José, diz o Evangelho, foi avisado por um anjo, que lhe apareceu em sonho e que lhe aconselhou fugisse para o Egito com o Menino. (S. Mateus, 2:19 a 23.)

Os avisos por meio de sonhos desempenham grande papel nos livros sagrados de todas as religiões.

Sem garantir a exatidão de todos os fatos narrados e sem os discutir, o fenômeno em si mesmo nada tem de anormal, sabendo-se, como se sabe, que, durante o sono, é quando o Espírito, desprendido dos laços da matéria, entra momentaneamente na vida espiritual, onde se encontra com os que lhe são conhecidos.

É com frequência essa a ocasião que os Espíritos protetores aproveitam para se manifestar a seus protegidos e lhes dar conselhos mais diretos.

São numerosos os casos de avisos em sonho, porém, não se deve inferir daí que todos os sonhos são avisos, nem, ainda menos, que tem uma significação tudo o que se vê em sonho.

Cumpra se inclua entre as crenças supersticiosas e absurdas a arte de interpretar os sonhos. (Cap. XIV, nos 27 e 28.)

**Sono e Sonhos**

**Durante o sono, a alma não repousa como o corpo físico**

**5.** Evidentemente, há muitos que, enquanto o corpo repousa, vão a mundos inferiores à Terra ou a regiões espirituais do próprio planeta onde os chamam velhas afeições, em busca de gozos muitas vezes mais baixos do que os conhecidos em nosso mundo e com os quais se deleitam.

**6.** Graças ao sono, os Espíritos encarnados estão sempre em contato com o mundo dos Espíritos, e essa é uma das razões que fazem com que os Espíritos superiores concordem, sem grande repugnância, em encarnar entre nós. Quis Deus que, tendo de entrar em contato com o vício, pudessem eles ir retemperar-se na fonte do bem, a fim de igualmente não falirem. O sono é a porta que Deus lhes concede para que possam ir ter com os seus amigos espirituais. É uma espécie de recreio depois do trabalho, enquanto aguardam a grande libertação que os restituirá ao meio que lhes é próprio.

**7.** Entendamos, assim, do modo mais claro possível em assunto tão delicado: Durante o sono, a alma não repousa como o corpo. O Espírito jamais está inativo. Estando afrouxados os laços que o prendem ao corpo material, ele se lança pelo espaço e entra em relação mais direta com os outros Espíritos, sejam estes amigos, familiares ou companheiros de trabalho. E desse fato temos o testemunho dos sonhos, uma experiência conhecida e vivenciada por muitas pessoas.

**8.** Com efeito, se o corpo físico dorme, como pode o indivíduo, durante o sono, sentir-se vivo, movimentar-se, perceber ambientes diversos e entrar em relação com outras pessoas, até mesmo com criaturas que já partiram para o mundo espiritual? Que são os sonhos senão o resultado de nossa atividade espiritual durante o sono?

**Os sonhos são a prova de que a alma se emancipa durante o sono**

**9.** Respondendo diretamente a uma questão formulada por Kardec a respeito do assunto, os Espíritos superiores ensinaram que é pelos sonhos que podemos julgar da liberdade do Espírito durante o sono corporal. O sonho é a lembrança do que o Espírito viu durante o sono, o que tanto pode ser um fato ocorrido no passado como algo que ainda vá ocorrer na presente existência.

**10.** Nem sempre nos lembramos do que ocorre durante o sono devido à grosseria da matéria que compõe o nosso corpo físico, que dificilmente conserva as impressões registradas pelo Espírito, porque estas não lhe chegaram por intermédio dos órgãos corporais, mas sim por meio do veículo perispiritual.

**11.** Não é difícil compreender tal explicação. No estado de vigília, as percepções se fazem com o concurso da organização corporal. Os estímulos são selecionados pelos órgãos dos sentidos e transmitidos através das vias nervosas sensitivas ao cérebro, onde se gravam as impressões, para serem reproduzidas a cada evocação no fenômeno da memória biológica. No estado de sono, nada chega ao Espírito pelas vias corporais; as impressões não lhe passam pelo cérebro. Dada, porém, a permanência da ligação entre o Espírito e o corpo, nada impede que, excepcionalmente, as percepções da alma emancipada repercutam no cérebro e, então, ocasionalmente, o homem se lembra do que presenciou, viu ou ouviu durante o sono. Ele dirá então que sonhou.

**12.** Provam também a emancipação da alma durante o sono as visitas espíritas entre pessoas vivas, do que há vários relatos na literatura espírita, especialmente nos clássicos



**III – ESTRELA DOS MAGOS**

4. Diz-se que uma estrela apareceu aos magos que foram adorar a Jesus; que ela lhes ia à frente indicando-lhes o caminho e que se deteve quando eles chegaram. (S. Mateus, 2:1 a 12.)

Não se trata de saber se o fato que S. Mateus narra é real, ou se não passa de uma figura indicativa de que os magos foram guiados de forma misteriosa ao lugar onde estava o Menino, dado que não há meio algum de verificação; trata-se de saber se é possível um fato de tal natureza.

O que é certo é que, naquela circunstância, a luz não podia ser uma estrela.

Na época em que o fato ocorreu, era possível acreditassem que fosse, porquanto então se cria serem as estrelas pontos luminosos pregados no firmamento e suscetíveis de cair sobre a Terra; não hoje, quando se conhece a natureza das estrelas.

Entretanto, por não ter como causa a que lhe atribuíram, não deixa de ser possível o fato da aparição de uma luz com o aspecto de uma estrela.

Um Espírito pode aparecer sob forma luminosa, ou transformar uma parte do seu fluido perispírico em foco luminoso.

Muitos fatos desse gênero, modernos e perfeitamente autênticos, não procedem de outra causa, que nada apresenta de sobrenatural. (Cap. XIV, nos 13 e seguintes.)

**Estrela de Belém ou Estrela de Natal**

A Estrela de Belém, também chamada de Estrela de Natal, revelou o nascimento de Jesus aos Três Reis Magos e, posteriormente, guiou-os até Belém, segundo a tradição cristã.

A estrela aparece apenas na história da natividade do Evangelho de Mateus, no qual os astrólogos são orientados a viajar para Jerusalém.

Lá, encontraram-se com Herodes de Judeia e questionaram-lhe onde teria nascido o rei dos judeus.

Baseado num versículo do livro de Miqueias interpretado como sendo uma profecia, Herodes enviou-os a Belém, para sul de Jerusalém.

De seguida, a estrela encaminhou-os até ao local onde residia Jesus, de forma a que pudessem prestar-lhe homenagem e oferecer-lhe presentes.

Os sábios magos receberam em sonho o conselho de não retornarem ao encontro de Herodes e, por isso, regressaram a casa por um caminho diferente.

Muitos cristãos olham para a estrela como um sinal milagroso que marcou o nascimento de Cristo (ou Messias).

Alguns teólogos defendem que a estrela cumpriu uma profecia conhecida como “Profecia da Estrela”.

Foram ainda feitas várias tentativas por astrônomos de ligar a estrela a fenômenos astronômicos pouco comuns, como uma conjunção de Júpiter e Vénus, um cometa ou supernova.

Vários acadêmicos modernos não consideram que a história descreva um acontecimento histórico, mas sim uma piedosa ficção criada pelo autor do Evangelho segundo Mateus.

Durante a quadra natalícia, o tema é um dos favoritos a ser debatido nos planetários, ainda que o relato bíblico descreva Jesus como uma palavra grega mais ampla, que pode significar “criança” (paidon), em vez da palavra mais específica para recém-nascido (brephos), sugerindo que a visita ter-se-ia realizado algum tempo após o nascimento do menino, possivelmente implicando que algum tempo tinha passado desde o nascimento.

No cristianismo ocidental, o evento é celebrado na Epifania (1) (6 de janeiro).

(1) A Epifania do Senhor ou Teofania, é uma festa religiosa cristã que comera a manifestação de Jesus Cristo Como Deus encarnado.

## **A Gênese – (Parte II – Capítulo XV)**

### **IV – DUPLA VISTA**

#### **IV – I. Entrada de Jesus em Jerusalém**

5. Quando eles se aproximaram de Jerusalém e chegaram a Betfagé, perto do Monte das Oliveiras, Jesus enviou dois de seus discípulos, dizendo-lhes:

— Ide a essa aldeia que está a vossa frente e, lá chegando, encontrareis amarrada uma jumenta e junto dela o seu jumentinho; desamarrai-a e trazei-os.

— Se alguém vos disser qualquer coisa, respondei que o Senhor precisa deles e logo deixará que os conduza.

— Ora, tudo isso se deu, a fim de que se cumprisse esta palavra do profeta:

— Dizei à filha de Sião: Eis o teu rei, que vem a ti, cheio de doçura, montado numa jumenta e com o jumentinho da que está sob o jugo. (Zacarias, 9:9-10.)

Os discípulos então foram e fizeram o que Jesus lhes ordenara.

— E, tendo trazido a jumenta e o jumentinho, a cobriram com suas vestes e o fizeram montar. (S. Mateus, 21:1-7.)

**IV. I – Entrada de Jesus em Jerusalém**

O Domingo de Ramos abre solenemente a Semana Santa, com a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém. (1)

Jesus é recebido em Jerusalém como um rei, mas os mesmos que o receberam com festa o condenaram à morte. Jesus é recebido com ramos de palmeiras.

Nesse dia, são comuns procissões em que os fiéis levam consigo ramos de oliveira ou palmeira, o que originou o nome da celebração.

Segundo o evangelho, Jesus foi para Jerusalém para celebrar a Páscoa Judaica (2) com os discípulos e entrou na cidade como um rei, mas sentado num jumentinho – o símbolo da humildade – e foi aclamado pela população como o Messias, o rei de Israel.

A multidão o aclamava: “Hosana ao Filho de Davi!”

Isto aconteceu alguns dias antes da sua Paixão, Morte e Ressurreição.

A Páscoa Cristã celebra então a Ressurreição de Jesus Cristo.

(1) A entrada triunfal em Jerusalém é um evento da vida de Jesus, já no final de seu ministério, e que é relatado pelos quatro evangelhos canônicos.

A entrada marca o início do período conhecido como Paixão, que culminará com a crucificação e a ressurreição de Jesus.

(2) Também conhecida como “Festa da Libertação” - celebra a libertação dos Hebreus da escravidão no Egito em 14 de Nissan (1º dos 12 meses do calendário judaico) do ano de 1446 a.C.

## **A Gênese – (Parte II – Capítulo XV)**

### **IV – II. Beijo de Judas**

**6.** Levantai-vos, vamos, que já está perto daqui aquele que me há de trair.

— Ainda não acabara de dizer essas palavras e eis que Judas, um dos doze, chegou e com ele uma tropa de gente armada de espadas e paus, enviada pelos príncipes dos sacerdotes e pelos anciãos do povo.

— Ora, o que o traía lhes havia dado um sinal para o reconhecerem, dizendo-lhes: Aquele a quem eu beijar é esse mesmo o que procurais; apoderai-vos dele.

— Logo, pois, se aproximou de Jesus e lhe disse: Mestre, eu te saúdo; e o beijou.

— Jesus lhe respondeu: Meu amigo, que vieste fazer aqui?

Ao mesmo tempo, os outros, avançando, se lançaram a Jesus e dele se apoderaram.

(S. Mateus, 26:46 a 50.)

#### IV. II – Beijo de Judas

O Beijo de Judas foi, de acordo como os evangelhos sinóticos (1), a forma que Judas Iscariotes (2) identificou Jesus aos soldados que vieram prendê-lo.

O evento, principalmente na arte cristã, (3) passou a significar a traição a Jesus, que ocorreu no Getsêmani (4) após a Última Ceia (5) e que levará diretamente à prisão de Jesus (6) pela força policial do Sinédrio.(7)

Na teologia cristã, os eventos iniciados na Última Ceia até a ressurreição de Jesus (8) são conhecidos como Paixão.

De forma mais ampla, um “beijo de Judas” pode se referir a “um ato que aparentemente é de amizade, mas que na realidade é prejudicial a que o recebe”.

O beijo está relatado em Mateus 26:47-50, Marcos 14:43-45 e Lucas 22:47-48. Em João 18:2-9 aparece o evento da traição, mas sem menção a um beijo de Judas.

(1) Termo que designa os Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas por conterem uma grande quantidade de histórias em comum, na mesma sequência.

(2) Foi um dos doze apóstolos de Jesus Cristo, que, de acordo com os evangelhos canônicos, veio a ser o traidor que entregou Jesus aos seus captores por trinta moedas de prata e, entrando em desespero, enforcou-se e condenou-se ao inferno segundo a tradição católica.

(3) É o nome dado a toda produção artística qualificada e destinada ao culto sagrado.

(4) É um jardim situado no sopé do Monte das Oliveiras , em Jerusalém, onde Jesus e seus discípulos oraram na noite anterior à crucificação de Jesus.

(5) Nome dado à última refeição que, de acordo com os cristãos, Jesus dividia com seus apóstolos em Jerusalém antes da sua crucificação. Ela é a base escritural para a instituição da Eucaristia, também conhecida como ‘comunhão’

(6) Evento central relatado nos evangelhos canônicos que antecede à crucificação. Jesus foi preso pelos guardas do Templo por ordens do Sinédrio, no Getsêmani logo após a última ceia, durante a qual Jesus deu seu último sermão final, imediatamente após o beijo de Judas.

(7) Nome dado à associação de 20 ou 23 juízes que a lei judaica ordena existir em cada cidade.

(8) Nome dado à fé cristã de que Jesus Cristo retornou à vida no domingo seguinte à sexta-feira na qual ele foi crucificado.

## **A Gênese – (Parte II – Capítulo XV)**

### **IV – III. Pesca milagrosa**

7. Um dia, estando Jesus à margem do lago de Genesaré, como a multidão de povo o comprimisse para ouvir a palavra de Deus

— viu, ele duas barcas atracadas à borda do lago e das quais os pescadores haviam desembarcado e lavavam suas redes.

— Entrou numa dessas barcas, que era de Simão, e lhe pediu que a afastasse um pouco da margem; e, tendo-se sentado, ensinava ao povo de dentro da barca.

Quando acabou de falar, disse a Simão: Avança para o mar e lança as tuas redes de pescar.

— Respondeu-lhe Simão: Mestre, trabalhamos a noite toda e nada apanhamos; contudo, pois que mandas, lançarei a rede.

— Tendo-a lançado, apanharam tão grande quantidade de peixes, que a rede se rompeu.

— Acenaram para os companheiros que estavam na outra barca, a fim de que viessem ajudá-los. Eles vieram e encheram de tal modo as barcas, que por pouco estas não se submergiram.

(S. Lucas, 5:1 a 7.)

#### IV. III – Pesca milagrosa

A pesca milagrosa é a forma como nos referimos a um de dois eventos da vida de Jesus nos evangelhos. (1)

Os milagres (2) ocorreram com anos de diferença entre si – em ambos os casos os apóstolos (3) estão tentando pescar sem sucesso no Mar da Galileia (4) quando Jesus pede-lhes que tentem uma vez mais lançar as redes, ao que eles são recompensados com uma grande quantidade de peixes.

(1) Gênero de literatura do cristianismo primitivo que conta a vida de Jesus, a fim de preservar seus ensinamentos ou revelar aspectos da natureza de deus.

(2) Denominação comum dada aos feitos de Jesus de Nazaré registrados nos Evangelhos e tidos por muitos como uma das maiores provas de seu poder.

(3) Na tradição cristã, os apóstolos por vezes referidos como os Doze Apóstolos, foram um pequeno grupo de doze pessoas relatadas como os discípulos de Jesus, a figura central do cristianismo. São mensageiros judeus enviados por Jesus para pregar o Evangelho.

(4) Também conhecido como mar de Tiberíades ou lago de Genesaré – é um extenso lago de água doce localizado no Distrito norte de Israel. É o maior lago do país – possuindo cerca de 19 quilômetros de comprimento e cerca de 13 quilômetros de largura.



#### IV – IV. Vocação de Pedro, André, Tiago, João e Mateus

8. Caminhando ao longo do mar da Galiléia, viu Jesus dois irmãos, Simão, chamado Pedro, e André, seu irmão, que lançavam suas redes ao mar, pois que eram pescadores; — e lhes disse: Segui-me e eu farei de vós pescadores de homens. — Logo eles deixaram suas redes e o seguiram. Daí, continuando, viu ele dois outros irmãos, Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, que estavam numa barca com Zebedeu, pai de ambos, os quais estavam a consertar suas redes, e os chamou. — Eles imediatamente deixaram as redes e o pai e o seguiram. (S. Mateus, 4:18 a 22.) Saindo dali, Jesus, ao passar, viu um homem sentado à banca dos impostos, chamado Mateus, ao qual disse: Segue- -me; e o homem logo se levantou e o seguiu. (S. Mateus, 4:9.)

9. Nada apresentam de surpreendentes estes fatos, desde que se conheça o poder da dupla vista e a causa, muito natural, dessa faculdade.

Jesus a possuía em grau elevado e pode dizer-se que ela constituía o seu estado normal, conforme o atesta grande número de atos da sua vida, os quais, hoje, têm a explic -los os fenômenos magnéticos e o Espiritismo.

A pesca qualificada de miraculosa igualmente se explica pela dupla vista. Jesus não produziu espontaneamente peixes onde não os havia; ele viu, com a vista da alma, como teria podido fazê-lo um lúcido v gil, o lugar onde se achavam os peixes e disse com seguranç  aos pescadores que lançassem aí suas redes.

A acuidade do pensamento e, por conseguinte, certas previsões decorrem da vista espiritual. Quando Jesus chama a si Pedro, André, Tiago, João e Mateus, é que lhes conhecia as disposições íntimas e sabia que eles o acompanhariam e que eram capazes de desempenhar a missão que tencionava confiar-lhes.

E mister se fazia que eles próprios tivessem intuição da missão que iriam, desempenhar para, sem hesitação, atenderem ao chamamento de Jesus.

O mesmo se deu quando, por ocasião da Ceia, ele anunciou que um dos doze o trairia e o apontou, dizendo ser aquele que punha a mão no prato; e deu-se também, quando predisse que Pedro o negaria.

Em muitos passos do Evangelho se l : “Mas Jesus, conhecendo-lhes os pensamentos, lhes diz.” Ora, como poderia ele conhecer os pensamentos dos seus interlocutores, senão pelas irradiações fluídicas desses pensamentos e, ao mesmo tempo, pela vista espiritual que lhe permitia ler-lhes no foro íntimo? Muitas vezes, supondo que um pensamento se acha sepultado nos refolhos da alma, o homem não suspeita que traz em si um espelho onde se reflete aquele pensamento, um revelador na sua própria irradiação fluídica, impregnada dele.

Se víssemos o mecanismo do mundo invisível que nos cerca, as ramificações dos fios condutores do pensamento, a ligarem todos os seres inteligentes, corporais e incorpóreos, os eflúvios fluídicos carregados das marcas do mundo moral, os quais, como correntes aéreas, atravessam o espaço, muito menos surpreendidos ficaríamos diante de certos efeitos que a ignorância atribui ao acaso.

(Cap. XIV, nos 15, 22 e seguintes.)

**O grupo de apóstolos reuniu inicialmente doze pessoas**

1. Jesus congregou em torno de si doze discípulos diretos: André, irmão de Pedro; Bartolomeu; Filipe; João, irmão de Tiago maior; Judas Iscariote; Mateus (Levi); Simão Pedro (Cefas); Simão Cananeu, também chamado “O Zelote”; Judas Tadeu; Tiago maior, filho de Zebedeu; Tiago menor, filho de Alfeu, e Tomé (Dídimo).

2. Incumbidos de pregar o Evangelho ou Boa Nova, cada qual se imortalizou como enviado ou “apóstolo”. Esses Espíritos, chamados por Jesus para compor seu colégio apostolar, seriam os intérpretes de suas ações e de seus ensinamentos.

3. Pedro, André e Filipe eram filhos de Betsaida, de onde vinham igualmente Tiago e João, filhos de Zebedeu. Levi, Tadeu e Tiago, filhos de Alfeu e sua esposa Cleofas, parenta de Maria, eram nazarenos e amavam a Jesus desde a infância, sendo muitas vezes chamados de “irmãos do Senhor”, tendo em vista suas profundas afinidades afetivas. Tomé descendia de um antigo pescador de Dalmanuta, e Bartolomeu pertencia a uma laboriosa família de Caná da Galileia. Simão, mais tarde chamado “O Zelote”, havia deixado sua terra de Canaã para dedicar-se à pesca, e somente um deles, Judas, destoava um pouco desse concerto, pois nascera em Iscariote e se consagrara a um pequeno comércio em Cafarnaum, onde vendia peixes e quinquilharias.

4. O reduzido grupo de companheiros do Messias experimentou a princípio, certas dificuldades para harmonizar-se. Mateus, que inicialmente era chamado de Levi, continuava nos seus trabalhos da coletoria local e Judas Iscariote prosseguia nos seus negócios, embora se reunissem diariamente aos demais companheiros, que viviam quase que constantemente com Jesus, junto às águas transparentes do Tiberíades.

**Ao grupo inicial juntaram-se mais tarde Matias e Paulo**

5. Mateus não era pescador, mas publicano, e se conservou na obscuridade enquanto o Cristo estava na Terra. Somente depois da ascensão do Senhor ele entrou em ação, pregando na Judeia e nos países vizinhos, até a dispersão dos apóstolos. Segundo Cairbar Schutel, Mateus teria aproveitado seus momentos de folga para escrever o Evangelho que leva seu nome.

6. Filho de Simão Iscariote, da cidade de Carioth, Judas era, segundo Humberto de Campos, um apaixonado pelas ideias socialistas de Jesus e entendia que a política seria a única arma com a qual poderia triunfar, além do que não conseguia conciliar a vitória com o desprendimento das riquezas. Ao entregar Jesus a Caifás, ele não imaginou que as coisas tomassem o rumo que tomaram e, em desespero, suicidou-se.

7. Irmão de André, Simão Pedro era pescador e, integrando o grupo desde o início, tornou-se uma espécie de intérprete dos apóstolos e aparentemente dos mais assíduos junto ao Mestre, que certamente por isso designou-o como a “pedra” sobre a qual edificaria sua igreja, conforme anotou Mateus (16:18).

8. Além dos doze apóstolos que integraram o grupo inicial cabe-nos mencionar dois discípulos que se juntaram mais tarde ao colégio apostólico: Matias e Paulo.

## **A Gênese – (Parte II – Capítulo XV)**

### **Paulo nasceu em Tarso, mas foi educado em Jerusalém**

9. Matias substituiu Judas e pouco se sabe sobre seu trabalho antes dessa escolha, salvo que fora um dos 72 discípulos que o Senhor designou e enviou, dois a dois, adiante de si, a todas as cidades e lugares que pretendia visitar. Segundo uma tradição confirmada entre os gregos, após o Pentecostes, Matias pregou o Evangelho na Capadócia e para os lados do Ponto Euxino.

10. Paulo nasceu em Tarso, na Cilícia, e pertencia a uma família de judeus da seita farisaica. Educado em Jerusalém, foi discípulo de Gamaliel. Depois de liderar uma intensa perseguição aos cristãos, Paulo se converteu ao Cristianismo às portas de Damasco e, a partir daí, realizou um trabalho que não encontrou similar em nenhum dos demais apóstolos do Cristo.

11. Falar da missão de Paulo e de sua vigorosa personalidade não é tarefa fácil. Para conhecê-la em suas minúcias é indispensável a leitura do livro “Paulo e Estêvão”, de autoria de Emmanuel. Resumidamente, podemos dizer que a missão de Paulo de Tarso foi levar a Boa Nova aos gentios e, desse modo, universalizar o Cristianismo, trabalho que realizou com verdadeiro devotamento e imensos sacrifícios.

12. Na execução de sua missão, Paulo fez três grandes viagens indo a Bitínia, Capadócia, Cilícia, Frígia, Galácia, Lícia e a muitas outras localidades, inclusive Roma. E se imortalizou também por suas epístolas, em número de 14. Preso e conduzido a Roma, foi na capital do Império Romano que veio a desencarnar, vitimado por um golpe de espada que lhe fendeu a garganta e seccionou-lhe quase inteiramente a cabeça.

## A Gênese – (Parte II – Capítulo XV)

### V – CURAS

#### V – I. Perda de sangue

**10.** Então, uma mulher, que havia doze anos sofria de uma hemorragia; — que sofrera muito nas mãos dos médicos e que, tendo gasto todos os seus haveres, nenhum alívio conseguira — como ouvisse falar de Jesus, veio com a multidão atrás dele e lhe tocou as vestes, porquanto, dizia: Se eu conseguir ao menos lhe tocar nas vestes, ficarei curada. — No mesmo instante o fluxo sanguíneo lhe cessou e ela sentiu em seu corpo que estava curada daquela enfermidade. Logo, Jesus, conhecendo em si mesmo a virtude que dele saíra, se voltou no meio da multidão e disse: Quem me tocou as vestes? — Seus discípulos lhe disseram: Vês que a multidão te aperta de todos os lados e perguntas quem te tocou? — Ele olhava em torno de si à procura daquela que o tocara. A mulher, que sabia o que se passara em si, tomada de medo e pavor, veio lançar-se-lhe aos pés e lhe declarou toda a verdade. — Disse-lhe Jesus: Minha filha, tua fé te salvou; vai em paz e fica curada da tua enfermidade.  
(S. Marcos, 5:25 a 34.)

**11.** Estas palavras: conhecendo em si mesmo a virtude que dele saíra, são significativas. Expressam o movimento fluídico que se operara de Jesus para a doente; ambos experimentaram a ação que acabara de produzir-se.

É de notar-se que o efeito não foi provocado por nenhum ato da vontade de Jesus; não houve magnetização, nem imposição das mãos.

Bastou a irradiação fluídica normal para realizar a cura.

Mas, por que essa irradiação se dirigiu para aquela mulher e não para outras pessoas, uma vez que Jesus não pensava nela e tinha a cercá-lo a multidão? É bem simples a razão.

Considerado como matéria terapêutica, o fluido tem que atingir a matéria orgânica, a fim de repará-la; pode então ser dirigido sobre o mal pela vontade do curador, ou atraído pelo desejo ardente, pela confiança, numa palavra: pela fé do doente.

Com relação à corrente fluídica, o primeiro age como uma bomba calcante e o segundo como uma bomba aspirante.

Algumas vezes, é necessária a simultaneidade das duas ações; doutras, basta uma só.

O segundo caso foi o que ocorreu na circunstância de que tratamos.

Razão, pois, tinha Jesus para dizer: Tua fé te salvou.

Compreende-se que a fé a que ele se referia não é uma virtude mística, qual a entendem muitas pessoas, mas uma verdadeira força atrativa, de sorte que aquele que não a possui opõe à corrente fluídica uma força repulsiva, ou, pelo menos, uma força de inércia, que paralisa a ação. Assim sendo, também, se compreende que, apresentando-se ao curador dois doentes da mesma enfermidade, possa um ser curado e outro não. É este um dos mais importantes princípios da mediunidade curadora e que explica certas anomalias aparentes, apontando-lhes uma causa muito natural.

(Cap. XIV, nos 31, 32 e 33.)

**V. I – Perda de sangue**

Na passagem em que uma mulher que sofria de uma hemorragia, doença da qual era vítima há muitos anos – tocando nas vestes de Jesus, sem mesmo existir um ato de vontade, através da imposição das mãos ou magnetização, ocorreu “a irradiação fluídica normal para realização da cura.”

Jesus, voltando-se no meio da multidão indagou: “Quem me tocou as vestes?” - a mulher com receio, lançou-se aos pés de Jesus – dizendo-lhe a verdade.

Jesus lhe disse: “Minha filha, tu fé te salvou: vai em paz e fica curada da tua enfermidade” (Marcos, 5:25 a 34.)

O fluído terapêutico deve ser dirigido à matéria orgânica com o objetivo de curá-la. Podendo ocorrer através da vontade do curador ou ser “atraído pelo desejo ardente através da fé do doente”.

A fé a que Jesus se referia era a força de atração desenvolvida pelo doente – permitindo-lhe a cura.

A falta de fé “gera à corrente fluídica uma força repulsiva” paralisando-lhe a ação.

Podemos dizer que a cura está diretamente ligada a fé do paciente para sua recuperação.

## A Gênese – (Parte II – Capítulo XV)

### V – II. Cego de Betsaida

**12.** Tendo chegado a Betsaida, trouxeram-lhe um cego e lhe pediam que o tocasse. Tomando o cego pela mão, ele o levou para fora do burgo, passou-lhe saliva nos olhos e, havendo-lhe imposto as mãos, lhe perguntou se via alguma coisa.

— O homem, olhando, disse: Vejo a andar homens que me parecem árvores.

— Jesus lhe colocou de novo as mãos sobre os olhos e ele começou a ver melhor.

Afinal, ficou tão perfeitamente curado, que via distintamente todas as coisas.

— Ele o mandou para casa, dizendo-lhe: Vai para tua casa; se entrares no burgo, a ninguém digas o que se deu contigo.

(S. Marcos, 8:22 a 26.)

**13.** Aqui, é evidente o efeito magnético; a cura não foi instantânea, porém gradual e conseqüente a uma ação prolongada e reiterada, se bem que mais rápida do que na magnetização ordinária.

A primeira sensação que o homem teve foi exatamente a que experimentam os cegos ao recobrem a vista.

Por um efeito de óptica, os objetos lhes parecem de tamanho exagerado.

**V. II – Cego de Betsaida**

Quando Jesus chegou em Betsaida, pediram-lhe que tocassem em cego.

Tomou-o pela mão e o encaminhou até a saída da cidade – passando-lhe saliva nos olhos, perguntou-lhe se estava enxergando alguma coisa.

O homem lhe respondeu que estava vendo homens que parecia árvores.

Jesus colocou-lhe novamente as mãos sobre seus olhos, e o homem começou a enxergar normalmente – ficando totalmente, curado – evidenciando o efeito magnético.

Jesus mandou o homem pra casa recomendando-lhe que se entrasse na cidade, não mencionasse o ocorrido com ninguém.

Podemos mencionar que aqui deu-se o efeito magnético – a cura deu-se gradualmente – em consequência a uma ação prolongada e reiterada.

## A Gênese – (Parte II – Capítulo XV)

### V – III. Paralítico

**14.** Tendo subido para uma barca, Jesus atravessou o lago e veio à sua cidade (Cafarnaum).

— Como lhe apresentassem um paralítico deitado em seu leito, Jesus, notando-lhe a fé, disse ao paralítico: Meu filho, tem confiança; perdoados te são os teus pecados.

Logo alguns escribas disseram entre si: Este homem blasfema.

— Jesus, tendo percebido o que eles pensavam, perguntou-lhes: Por que alimentais maus pensamentos em vossos corações?

— Pois, que é mais fácil dizer: — Teus pecados te são perdoados, ou dizer: Levanta-te e anda? Ora, para que saibais que o Filho do homem tem na Terra o poder de remitir os pecados: Levanta-te, disse então ao paralítico, toma o teu leito e vai para tua casa.

O paralítico se levantou imediatamente e foi para sua casa.

Vendo aquele milagre, o povo se encheu de temor e rendeu graças a Deus, por haver concedido tal poder aos homens.

(S. Mateus, 9:1 a 8.)

**15.** Que significariam aquelas palavras: “Teus pecados te são remitidos” e em que podiam elas influir para a cura? O Espiritismo lhes dá a explicação, como a uma infinidade de outras palavras incompreendidas até hoje.

Por meio da pluralidade das existências, ele ensina que os males e aflições da vida são muitas vezes expiações do passado, bem como que sofremos na vida presente as consequências das faltas que cometemos em existência anterior e, assim, até que tenhamos pago a dívida de nossas imperfeições, pois que as existências são solidárias umas com as outras.

Se, portanto, a enfermidade daquele homem era uma expiação do mal que ele praticara, o dizer-lhe Jesus: “Teus pecados te são remitidos” equivalia a dizer-lhe: “Pagaste a tua dívida; a fé que agora possuis elidiu a causa da tua enfermidade; consequentemente, mereces ficar livre dela.”

Daí o haver dito aos escribas: “Tão fácil é dizer: Teus pecados te são perdoados, como: Levanta-te e anda.” Cessada a causa, o efeito tem que cessar.

É precisamente o caso do encarcerado a quem se declara: “Teu crime está expiado e perdoado”, o que equivaleria a se lhe dizer: “Podes sair da prisão.”



**V. III – Paralítico**

Atravessando o lago em uma barca, Jesus chegou a sua cidade Cafarnaum.

Foi-lhe apresentado um paralítico que estava em seu leito.

Jesus que notou a sua grande fé disse-lhe: “Meu filho tem confiança; perdoados te são os teus pecados.”

Podemos dizer que equivale a dizer: “Pagaste a tua dívida, a fé que agora possuis elidiu (1) a causa de tua enfermidade.”

Percebendo que escribas entre si estavam mencionando: “este homem blasfema.” - Jesus lhes perguntou: “Por que alimentais maus pensamentos em vossos corações? - Pois, que é mais fácil dizer: - Teus pecados te são perdoados, ou dizer: Levanta-te e anda?”

Ora para que saibas que o Filho do Homem tem na Terra o poder de remitir os pecados: Levanta-te, disse então ao paralítico, toma teu leito e vai para tua casa.”

O paralítico levantou-se e foi para sua casa.

Vendo o milagre, o povo se encheu de temor rendendo graças a Deus, por haver concedido tal poder aos homens. (Mateus, 9:1 a 8.)

O Espiritismo explica que: Através da pluralidade das existências, ele ensina que os males e aflições da vida, muitas vezes são expiações do passado, bem como que sofreremos na vida presente as consequências das faltas que cometemos em existência anterior, até que tenhamos pago a dívida de nossas imperfeições.

(1) Eliminar, fazer desaparecer por completo.

## A Gênese – (Parte II – Capítulo XV)

### V – IV. Os dez leprosos

**16.** Um dia, indo ele para Jerusalém, passava pelos confins da Samaria e da Galiléia — e, estando prestes a entrar numa aldeia, dez leprosos vieram ao seu encontro e, conservando-se afastados, clamaram em altas vozes: Jesus, Senhor nosso, tem piedade de nós. — Dando com eles, disse-lhes Jesus: Ide mostrar-vos aos sacerdotes.

Quando iam a caminho, ficaram curados. Um deles, vendo-se curado, voltou sobre seus passos, glorificando a Deus em altas vozes; — e foi lançar-se aos pés de Jesus, com o rosto em terra, a lhe render graças.

Esse era samaritano. Disse então Jesus: Não foram curados todos dez? Onde estão os outros nove? — Nenhum deles houve que voltasse e glorificasse a Deus, a não ser este estrangeiro? — E disse a esse: Levanta-te; vai; tua fé te salvou.

(S. Lucas, 17:11 a 19.)

**17.** Os samaritanos eram cismáticos, mais ou menos como os protestantes com relação aos católicos, e os judeus os tinham em desprezo, como heréticos.

Curando indistintamente os judeus e os samaritanos, dava Jesus, ao mesmo tempo, uma lição e um exemplo de tolerância; e fazendo ressaltar que só o samaritano voltara a glorificar a Deus, mostrava que havia nele maior soma de verdadeira fé e de reconhecimento, do que nos que se diziam ortodoxos.

Acrescentando: “Tua fé te salvou”, fez ver que Deus considera o que há no âmago do coração e não a forma exterior da adoração.

Entretanto, também os outros tinham sido curados.

Fora mister que tal se verificasse, para que ele pudesse dar a lição que tinha em vista e tornar-lhes evidente a ingratidão.

Quem sabe, porém, o que daí lhes haja resultado; quem sabe se eles terão se beneficiado da graça que lhes foi concedida? Dizendo ao samaritano: “Tua fé te salvou”, dá Jesus a entender que o mesmo não aconteceu aos outros.

**V. IV – Os dez leprosos**

Jesus, Indo um dia para Jerusalém, passando próximo da Galiléia; dez leprosos vieram ao seu encontro e, mantendo-se afastados, clamaram em altas vozes: “Jesus, Senhor nosso, tem piedade de nós.”

Disse-lhes Jesus: “Ide mostra-vos aos sacerdotes.” Estando a caminho, ficaram curados.

Um deles – um samaritano, vendo-se curado, voltou, glorificando a Deus em altas vozes – dando uma lição e exemplo de tolerância, pois indistintamente judeus e samaritanos foram curados.

O samaritano, do âmago do seu coração, demonstrou sua fé e reconhecimento – lançando-se aos pés de Jesus, com o rosto na terra, rendendo-lhe graça.

Disse-lhe Jesus: “Levanta-te; vai; tua fé te salvou.”

Sendo que os demais demonstraram dureza e ingratidão em seus corações – podendo-se concluir que os demais não foram contemplados pela graça concedida – retornando-lhes seus males.

Os samaritanos eram cismáticos – mais ou menos como os protestantes com relação aos católicos – sendo desprezados pelos judeus.

Curando indistintamente, dava Jesus uma lição e um exemplo de tolerância – ressaltando que apenas o samaritano retornou para glorificar a Deus – mostrando que nele havia maior soma de verdadeira fé e reconhecimento.

Tua fé te salvou – fez ver que Deus considera o que há no âmago do coração e não a forma exterior da adoração.

## A Gênese – (Parte II – Capítulo XV)

### V – V. Mão seca

**18.** Doutra vez entrou Jesus no templo e aí encontrou um homem que tinha seca uma das mãos. — E eles o observavam para ver se ele o curaria em dia de sábado, para terem um motivo de o acusar.

— Então, disse ele ao homem que tinha a mão seca: Levanta-te e coloca-te ali no meio.

— Depois, disse-lhes: É permitido em dia de sábado fazer o bem ou mal, salvar a vida ou tirá-la? Eles permaneceram em silêncio.

— Ele, porém, encarando-os com indignação, tanto o afligia a dureza de seus corações, disse ao homem: Estende a tua mão.

Ele a estendeu e ela se tornou sã.

Logo os fariseus saíram e se reuniram contra ele em conciliábulo com os herodianos, sobre o meio de o perderem.

— Mas, Jesus se retirou com seus discípulos para o mar, acompanhando-o grande multidão de povo da Galiléia e da Judéia — de Jerusalém, da Idumeia e de além Jordão; e os das cercanias de Tiro e de Sídon, tendo ouvido falar das coisas que ele fazia, vieram em grande número ao seu encontro.

(S. Marcos, 3:1 a 8.)

**V. V – Mão seca**

Entrando Jesus no templo, encontrou um homem, que tinha umas das mãos secas.

Os fariseus observavam Jesus, para ver se ele o curaria em dia de sábado – procurando um motivo para acusá-lo.

Jesus disse ao homem que tinha a mão seca: “Levanta-te e coloca-te ali no meio.”

Disse aos fariseus, “É permitido em dia de sábado fazer o bem ou o mal, salvar a vida ou tirá-la?”

Eles não responderam – Jesus sentindo a dureza em seus corações – disse ao homem: “Estende a tua mão.” Ele a estendeu e ela se tornou sã.

Os fariseus saíram se reunindo contra Ele em conciliábulo com os herodianos, sobre o meio de o perderem.

Jesus se retirou com seus discípulos para o mar, sendo acompanhado por uma grande multidão do povo da Galiléia e da Judeia – de Jerusalém, da Idumeia e de além Jordão; e os das cercanias de Tiro e Sídon, tendo ouvido falar das coisas que Ele fazia, vieram em grande número ao seu encontro. (Marcos, 3:1 a 8.)

## A Gênese – (Parte II – Capítulo XV)

### V – VI. A mulher curvada

**19.** Todos os dias de sábado Jesus ensinava numa sinagoga.

— Um dia, viu ali uma mulher possuída de um Espírito que a punha doente, havia dezoito anos; era tão curvada, que não podia olhar para cima.

— Vendo-a, Jesus a chamou e lhe disse: Mulher, estás livre da tua enfermidade.

— Impôs-lhe ao mesmo tempo as mãos e ela, endireitando-se, rendeu graças a Deus.

Mas, o chefe da sinagoga, indignado por haver Jesus feito uma cura em dia de sábado, disse ao povo: Há seis dias destinados ao trabalho; vinde nesses dias para serdes curados e não nos dias de sábado.

O Senhor, tomando a palavra, disse-lhe: Hipócrita, qual de vós não solta da carga o seu boi ou seu jumento em dia de sábado e não o leva a beber?

— Por que então não se deveria libertar, em dia de sábado, dos laços que a prendiam, esta filha de Abraão, que Satanás conservara atada durante dezoito anos? A estas palavras, todos os seus adversários ficaram confusos e todo o povo encantado de vê-lo praticar tantas ações gloriosas.

(S. Lucas, 13:10 a 17.)

**20.** Este fato prova que naquela época a maior parte das enfermidades era atribuída ao demônio e que todos confundiam, como ainda hoje, os possessos com os doentes, mas em sentido inverso, isto é, hoje, os que não acreditam nos maus Espíritos confundem as obsessões com as moléstias patológicas.

**V. VI – A mulher curvada**

Normalmente, nos dias de sábado, Jesus ensinava em uma sinagoga.

Um dia percebeu uma mulher que estava possuída por um Espírito faziam dezoito anos; era tão curvada que não podia olhar para cima.

Jesus a chamou e lhe disse: “Mulher está livre da sua enfermidade.”

Impôs-lhe as mãos e ela, endireitando-se, rendeu graças a Deus.

O chefe da sinagoga, indignado, disse ao povo: “Há seis dias destinados ao trabalho; vinde nesses dias para serdes curados e não nos dias de sábado.”

Jesus, disse-lhe: “Hipócrita, qual de vós não solta da carga o seu boi ou seu jumento em dia de sábado e não o leva a beber? - porque então não se deveria libertar, em dia de sábado esta filha de Abraão – que estava atada durante dezoito anos?”

Seus adversários ficaram confusos – e todo o povo ficou encantado com suas ações gloriosas. (Lucas, 13:10 a 17.)

Fato este prova que naquela época a maior parte das enfermidades era atribuída ao demônio e que todos confundiam, como ainda hoje, os possessos com os doentes, mas em sentido inverso.

Hoje os que não acreditam nos maus Espíritos confundem as obsessões com moléstias patológicas.

**V – VII. O paralítico da piscina**

## A Gênese – (Parte II – Capítulo XV)

**21.** Depois disso, tendo chegado a festa dos judeus, Jesus foi a Jerusalém.

— Ora, havia em Jerusalém a piscina das ovelhas, que se chama em hebreu Betesda, a qual tinha cinco galerias — onde, em grande número, se achavam deitados doentes, cegos, coxos e os que tinham ressecados os membros, todos à espera de que as águas fossem agitadas — Porque, o anjo do Senhor, em certa época, descia àquela piscina e lhe movimentava a água e aquele que fosse o primeiro a entrar nela, depois de ter sido movimentada a água, ficava curado, qualquer que fosse a sua doença.

Ora, estava lá um homem que se achava doente havia trinta e oito anos.

— Jesus, tendo-o visto deitado e sabendo-o doente desde longo tempo, perguntou-lhe: Queres ficar curado? — O doente respondeu: Senhor, não tenho ninguém que me lance na piscina depois que a água for movimentada; e, durante o tempo que levo para chegar lá, outro desce antes de mim.

— Disse-lhe Jesus: Levanta-te, toma o teu leito e vai-te.

— No mesmo instante o homem se achou curado e, tomando de seu leito, pôs-se a andar.

Ora, aquele dia era um sábado. Disseram então os judeus ao que fora curado: Não te é permitido levares o teu leito.

— Respondeu o homem: Aquele que me curou disse: Toma o teu leito e anda.

— Perguntaram-lhe eles então: Quem foi esse que te disse: Toma o teu leito e anda? — Mas, nem mesmo o que fora curado sabia quem o curara, porquanto Jesus se retirara do meio da multidão que lá estava.

Depois, encontrando aquele homem no templo, Jesus lhe disse: Vês que foste curado; não tornes de futuro a pecar, para que te não aconteça coisa pior.

O homem foi ter com os judeus e lhes disse que fora Jesus quem o curara.

— Era por isso que os judeus perseguiam a Jesus, porque ele fazia essas coisas em dia de sábado. — Então, Jesus lhes disse: Meu Pai não cessa de obrar até ao presente e eu também obro incessantemente.

(S. João, 5:1 a 17.)

**22.** “Piscina” (da palavra latina piscis, peixe), entre os romanos, eram chamados os reservatórios ou viveiros onde se criavam peixes.

Mais tarde, o termo se tornou extensivo aos tanques destinados a banhos em comum.

A piscina de Betesda, em Jerusalém, era uma cisterna, próxima ao Templo, alimentada por uma fonte natural, cuja água parece ter tido propriedades curativas.

Era, sem dúvida, uma fonte intermitente que, em certas épocas, jorrava com força, agitando a água.

Segundo a crença vulgar, esse era o momento mais propício às curas.

Talvez que, na realidade, ao brotar da fonte a água, mais ativas fossem as suas propriedades, ou que a agitação que o jorro produzia na água fizesse vir à tona a vasa salutar para algumas moléstias.

Tais efeitos são muito naturais e perfeitamente conhecidos hoje; mas, então, as ciências estavam pouco adiantadas e à maioria dos fenômenos incompreendidos se atribuíam uma causa sobrenatural.

Os judeus, pois, tinham a agitação da água como devida à presença de um anjo e tanto mais fundadas lhes pareciam essas crenças, quanto viam que, naquelas ocasiões, mais curativa se mostrava a água.

Depois de haver curado aquele paralisado, disse-lhe Jesus: “Para o futuro não tornes a pecar, a fim de que não te aconteça coisa pior.” Por essas palavras, deu-lhe a entender que a sua doença era uma punição e que, se ele não se melhorasse, poderia vir a ser de novo punido e com mais rigor, doutrina essa inteiramente conforme a do Espiritismo.

**23.** Jesus como que fazia questão de operar suas curas em dia de sábado, para ter ensejo de protestar contra o rigorismo dos fariseus no tocante à guarda desse dia.



## **A Gênese – (Parte II – Capítulo XV)**

Queria mostrar-lhes que a verdadeira piedade não consiste na observância das práticas exteriores e das formalidades; que a piedade está nos sentimentos do coração.

Justificava-se, declarando: “Meu Pai não cessa de obrar até ao presente e eu também obro incessantemente.” Quer dizer: Deus não interrompe suas obras, nem sua ação sobre as coisas da Natureza, em dia de sábado.

Ele não deixa de fazer que se produza tudo quanto é necessário a vossa alimentação e a vossa saúde; eu lhe sigo o exemplo.

## **A Gênese – (Parte II – Capítulo XV)**

### **V. VII – O paralítico da piscina**

Jesus foi a Jerusalém, tendo chegado a festa dos judeus.

Em Jerusalém havia a piscina das ovelhas – que em hebreu se chamava Betesda – que possuía cinco galerias.

Acreditava-se que, a agitação das águas era produzida por um anjo do Senhor, e quem primeiro tivesse nelas entrado seria curado de qualquer doença.

Jesus encontrou, próximo a piscina um homem que se achava doente havia trinta e oito anos – ele estava deitado – perguntou-lhe Jesus: “Queres ficar curado?” - O doente respondeu: “Senhor, não tenho ninguém que lance na piscina depois que a água for movimentada; e outros conseguem chegar antes de mim.

Disse-lhe Jesus: “Levanta-te, toma o teu leito e vai-te.” - no mesmo instante o homem se achou curado e, tomando de seu leito, pôs-se a andar.

Os judeus disseram ao homem: “Não te é permitido levares o teu leito;” Respondeu o homem: “Aquele que me curou disse: Toma o teu leito e anda.” ´mas o que fora curado não sabia quem fora – visto que Jesus se retirou do meio da multidão que estava lá.

Jesus encontrou o homem no templo e lhe disse: “Vês que foste curado; não tornes a pecar, para que não te aconteça coisa pior.”

O homem depois foi ter com os judeus – por isso que eles o perseguiram por fazer estas coisas em dia de sábado.

Jesus fazia questão de operar suas curas em dia de sábado, para ter ensejo de protestar contra os fariseus no tocante à guarda desse dia.

Querendo mostra que a verdadeira piedade está nos sentimentos do coração – e não nas práticas exteriores – justificando: “Meu Pai não cessa de trabalhar até o presente e eu também trabalho incessantemente.” - querendo dizer: Deus não interrompe suas obras, nem sua ação sobre as coisas da natureza, em dia de sábado.

### **V – VIII. Cego de nascença**

## A Gênese – (Parte II – Capítulo XV)

24. Ao passar, viu Jesus um homem que era cego desde que nascera; — e seus discípulos lhe fizeram esta pergunta: Mestre, foi pecado desse homem, ou dos que o puseram no mundo, que deu causa a que ele nascesse cego? — Jesus lhes respondeu: Não é por pecado dele, nem dos que o puseram no mundo; mas, para que nele se patenteiem as obras do poder de Deus.

É preciso que eu faça as obras daquele que me enviou, enquanto é dia; vem depois a noite, na qual ninguém pode fazer obras. — Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo. Tendo dito isso, cuspiu no chão e, havendo feito lama com a sua saliva, ungiu com essa lama os olhos do cego — e lhe disse: Vai lavar-te na piscina de Siloé, que significa Enviado.

Ele foi, lavou-se e voltou vendo claro. Seus vizinhos e os que o viam antes a pedir esmolas diziam: Não é este o que estava assentado e pedia esmola? Uns respondiam: É ele; outros diziam: Não, é um que se parece com ele.

O homem, porém, lhes dizia: Sou eu mesmo. — Perguntaram-lhe então: Como se te abriram os olhos? — Ele respondeu: Aquele homem que se chama Jesus fez um pouco de lama e passou nos meus olhos, dizendo: Vai à piscina de Siloé e lava-te.

Fui, lavei-me e vejo. — Disseram-lhe: Onde está ele? Respondeu o homem: Não sei. Levaram então aos fariseus o homem que estivera cego.

— Ora, fora num dia de sábado que Jesus fizera aquela lama e lhe abrisse os olhos.

Também os fariseus o interrogaram para saber como recobrou a vista. Ele lhes disse: Ele me pôs lama nos olhos, eu me lavei e vejo.

— Ao que alguns fariseus retrucaram: Esse homem não é enviado de Deus, pois que não guarda o sábado.

Outros, porém, diziam: Como poderia um homem mau fazer prodígios tais? Havia, a propósito, dissensão entre eles.

Disseram de novo ao que fora cego: E tu, que dizes desse homem que te abriu os olhos? Ele respondeu: Digo que é um profeta.

— Mas, os judeus não acreditaram que aquele homem houvesse estado cego e que houvesse recobrado a vista, enquanto não fizeram vir o pai e a mãe dele — e os interrogaram assim: É este o vosso filho, que dizeis ter nascido cego? Como é que ele agora vê? — O pai e a mãe responderam: Sabemos que esse é nosso filho e que nasceu cego; — não sabemos, porém, como agora vê e tampouco sabemos quem lhe abriu os olhos. Interrogai-o; ele já tem idade, que responda por si mesmo.

Seu pai e sua mãe falavam desse modo, porque temiam os judeus, visto que estes já haviam resolvido em comum que quem quer que reconhecesse a Jesus como sendo o Cristo seria expulso da sinagoga.

— Foi o que obrigou o pai e a mãe do rapaz a responderem: Ele já tem idade; interrogai-o. Chamaram segunda vez o homem que estivera cego e lhe disseram: Glorifica a Deus; sabemos que esse homem é um pecador.

Ele lhes respondeu: Se é um pecador, não sei, tudo o que sei é que estava cego e agora vejo. — Tornaram a perguntar-lhe: Que te fez ele e como te abriu os olhos? — Respondeu o homem: Já vo-lo disse e bem o ouvistes; por que quereis ouvi-lo segunda vez? Será que queirais tornar-vos seus discípulos? — Ao que eles o carregaram de injúrias e lhe disseram: Sê tu seu discípulo; quanto a nós, somos discípulos de Moisés.

— Sabemos que Deus falou a Moisés, ao passo que este não sabemos donde saiu.

O homem lhes respondeu: É de espantar que não saibais donde ele é e que ele me tenha aberto os olhos.

— Ora, sabemos que Deus não exalça os pecadores; mas, àquele que o honre e faça a sua vontade, a esse Deus exalça.

— Desde que o mundo existe, jamais se ouviu dizer que alguém tenha aberto os olhos a um cego de nascença.

— Se esse homem não fosse um enviado de Deus, nada poderia fazer de tudo o que tem feito. Disseram-lhe os fariseus: Tu és todo pecado, desde o ventre de tua mãe, e queres ensinar-nos a nós? E o expulsaram.

(S. João, 9:1 a 34.)

## A Gênese – (Parte II – Capítulo XV)

**25.** Esta narrativa, tão simples e singela, traz em si evidente o cunho da veracidade.

Nada aí há de fantasista, nem de maravilhoso.

É uma cena da vida real apanhada em flagrante.

A linguagem do cego é exatamente a desses homens simples, nos quais o bom-senso supre a falta de saber e que retrucam com bonomia aos argumentos de seus adversários, expendendo razões a que não faltam justeza, nem oportunidade.

O tom dos fariseus, por outro lado, é o dos orgulhosos que nada admitem acima de suas inteligências e que se enchem de indignação à só idéia de que um homem do povo lhes possa fazer observações.

Afora a cor local dos nomes, dir-se-ia ser do nosso tempo o fato.

Ser expulso da sinagoga equivalia a ser posto fora da Igreja.

Era uma espécie de excomunhão.

Os espíritas, cuja doutrina é a do Cristo de acordo com o progresso das luzes atuais, são tratados como os judeus que reconheciam em Jesus o Messias.

Excomungando-os, a Igreja os põe fora de seu seio, como fizeram os escribas e os fariseus com os seguidores do Cristo.

Assim, aí está um homem que é expulso porque não pode admitir seja um possesso do demônio aquele que o curara e porque rende graças a Deus pela sua cura! Não é o que fazem com os espíritas? Obter dos Espíritos salutareos conselhos, a reconciliação com Deus e com o bem, curas, tudo isso é obra do diabo e sobre os que isso conseguem lança-se anátema.

Não se têm visto padres declararem, do alto do púlpito, que é melhor uma pessoa conservar-se incrédula do que recobrar a fé por meio do Espiritismo? Não há os que dizem a doentes que estes não deviam ter procurado curar-se com os espíritas que possuem esse dom, porque esse dom é satânico? Não há os que pregam que os necessitados não devem aceitar o pão que os espíritas distribuem, por ser do diabo esse pão? Que outra coisa, diziam ou faziam os padres judeus e os fariseus? Aliás, fomos avisados de que tudo hoje tem que se passar como ao tempo do Cristo.

A pergunta dos discípulos: Foi algum pecado deste homem que deu causa a que ele nascesse cego? Revela que eles tinham a intuição de uma existência anterior, pois, do contrário, ela careceria de sentido, visto que um pecado somente pode ser causa de uma enfermidade de nascença, se cometido antes do nascimento, portanto, numa existência anterior.

Se Jesus considerasse falsa semelhante idéia, ter-lhes-ia dito: “Como houvera este homem podido pecar antes de ter nascido?” Em vez disso, porém, diz que aquele homem estava cego, não por ter pecado, mas para que nele se patenteasse o poder de Deus, isto é, para que servisse de instrumento a uma manifestação do poder de Deus.

Se não era uma expiação do passado, era uma provação apropriada ao progresso daquele Espírito, porquanto Deus, que é justo, não lhe imporia um sofrimento sem utilidade.

Quanto ao meio empregado para a sua cura, evidentemente aquela espécie de lama feita de saliva e terra nenhuma virtude podia encerrar, a não ser pela ação do fluido curativo de que fora impregnada.

É assim que as mais insignificantes substâncias, como a água, por exemplo, podem adquirir qualidades poderosas e efetivas, sob a ação do fluido espiritual ou magnético, ao qual elas servem de veículo, ou, se quiserem, de reservatório.

### Estudos

#### DM Estudos Espíritas

### V. Curas

#### V. VIII – Cego de nascença

## **A Gênese – (Parte II – Capítulo XV)**

Passando Jesus, viu um homem cego de nascença.

Seus discípulos perguntaram: “Mestre, foi pecado desse homem, ou dos que o puseram no mundo, que resultou em que ele nascesse cego?”

Jesus respondeu: “Não é por pecado dele, nem dos que o puseram no mundo; mas para que ele se patenteiem às obras do poder de Deus.”

Fez um pouco de lama com saliva e terra, untou-lhe os olhos e disse lhe;” vai lavar-te na piscina de Siloé.” - que significa Enviado.

O homem lavou-se e voltou vendo normalmente.

Seus vizinhos levaram aos fariseus o homem que estivera cego – fora num dia de sábado que Jesus lhe abria os olhos.

Os fariseus o interrogaram para saber como recobrou a vista – o homem descreveu o acontecido.

O homem disse que foi aquele homem que se chama Jesus que me curou.

Novamente os fariseus retrucaram: “Esse homem não é enviado de Deus, pois que não guarda o sábado” - outro disse: “Como poderia um homem mau fazer prodígios tais?” - demonstrando que entre eles existiam dissensão.

## **V – IX. Numerosas curas operadas por Jesus**

**26.** Jesus ia por toda a Galiléia, ensinando nas sinagogas, pregando o Evangelho do reino e curando todos os langores e todas as enfermidades no meio do povo. — Tendo-se a sua

## A Gênese – (Parte II – Capítulo XV)

reputação espalhado por toda a Síria; traziam-lhe os que estavam doentes e afligidos por dores e males diversos, os possessos, os lunáticos, os paralíticos e ele a todos curava. — Acompanhava-o grande multidão de povo da Galiléia, de Decápolis, de Jerusalém, da Judéia e de além Jordão. (S. Mateus, 4:23 a 25.)

**27.** De todos os fatos que dão testemunho do poder de Jesus, os mais numerosos são, não há contestar, as curas.

Queria ele provar dessa forma que o verdadeiro poder é o daquele que faz o bem; que o seu objetivo era ser útil e não satisfazer à curiosidade dos indiferentes, por meio de coisas extraordinárias.

Aliviando os sofrimentos, prendia a si as criaturas pelo coração e fazia prosélitos mais numerosos e sinceros, do que se apenas os maravilhas com espetáculos para os olhos.

Daquele modo, fazia-se amado, ao passo que se se limitasse a produzir surpreendentes fatos materiais, conforme os fariseus reclamavam, a maioria das pessoas não teria visto nele senão um feiticeiro, ou um mágico hábil, que os desocupados iriam, apreciar para se distraírem.

Assim, quando João Batista manda, por seus discípulos, perguntar-lhe se ele era o Cristo, a sua resposta não foi: “Eu o sou”, como qualquer impostor houera podido dizer.

Tampouco lhes fala de prodígios, nem de coisas maravilhosas; responde-lhes simplesmente: “Ide dizer a João: os cegos vêem, os doentes são curados, os surdos ouvem, o Evangelho é anunciado aos pobres.”

O mesmo era que dizer: “Reconhecei-me pelas minhas obras; julgai da árvore pelo fruto”, porquanto era esse o verdadeiro caráter da sua missão divina.

**28.** O Espiritismo, igualmente, pelo bem que faz é que prova a sua missão providencial.

Ele cura os males físicos, mas cura, sobretudo, as doenças morais e são esses os maiores prodígios que lhe atestam a procedência.

Seus mais sinceros adeptos não são os que se sentem tocados pela observação de fenômenos extraordinários, mas os que dele recebem a consolação para suas almas; os a quem liberta das torturas da dúvida; aqueles a quem levantou o ânimo na aflição, que hauriram forças na certeza, que lhes trouxe, acerca do futuro, no conhecimento do seu ser espiritual e de seus destinos. Esses os de fé inabalável, porque sentem e compreendem.

Os que no Espiritismo unicamente procuram efeitos materiais, não lhe podem compreender a força moral.

Daí vem que os incrédulos, que apenas o conhecem através de fenômenos cuja causa primária não admitem, consideram os espíritas meros prestidigitadores e charlatães.

Não será, pois, por meio de prodígios que o Espiritismo triunfará da incredulidade será pela multiplicação dos seus benefícios morais, porquanto, se é certo que os incrédulos não admitem os prodígios, não menos certo é que conhecem, como toda gente, o sofrimento e as aflições e ninguém recusa alívio e consolação.

## A Gênese – (Parte II – Capítulo XV)

Jesus andava por toda a Galileia, ensinando nas sinagogas, pregando o Evangelho e curando todas as enfermidades no meio do povo.

Sua reputação se espalhou por toda a Síria – doentes, possessos, lunáticos e paralíticos – a todos ele curava – sempre acompanhado de grande multidão.

Jesus queria provar que o verdadeiro poder é o daquele que faz o bem – cujo único objetivo era ser útil.

Aliviando os sofrimentos, trazia junto de si as criaturas ‘prendendo-as’ pelo coração – fazendo-se amado.

Quando João Batista mandou perguntar se ele era o Cristo respondeu: “Ide dizer a João: os cegos veem, os doentes são curados, os surdos ouvem, o Evangelho é anunciado aos pobres.”

Também o Espiritismo cura, além dos males físicos, as doenças morais – fazendo adeptos entre aqueles que “recebem a consolação para suas almas”.

O relato feito pelo cego curado por Jesus, tão simples e singelo, traz em si evidente o cunho da veracidade. Nada aí há de fantasista, nem de maravilhoso.

É uma cena da vida real apanhada em flagrante.

A linguagem do cego é exatamente a desses homens simples, nos quais o bom senso supre a falta de saber e que retrucam com bonomia aos argumentos de seus adversários, expendendo razões a que não faltam justeza, nem oportunidade.

Quanto ao meio empregado para a sua cura, evidentemente aquela espécie de lama feita de saliva e terra nenhuma virtude podia encerrar, a não ser pela ação do fluido curativo de que fora impregnada.

É assim que as mais insignificantes substâncias, como a água, por exemplo, podem adquirir qualidades poderosas e efetivas, sob a ação do fluido espiritual ou magnético, ao qual elas servem de veículo, ou, se quiserem, de reservatório.

O tom dos fariseus, por outro lado, é o dos orgulhosos que nada admitem acima de suas inteligências e que se enchem de indignação à só ideia de que um homem do povo lhes possa fazer observações.

## VI – POSSESSOS

**29.** Vieram em seguida a Cafarnaum e Jesus, entrando primeiramente, em dia de sábado, na sinagoga, os instruíam.

— Admiravam-se da sua doutrina, porque ele os instruíam como tendo autoridade e não como os escribas. Ora, achava-se na sinagoga um homem possesso de um Espírito impuro, que exclamou: — Que há entre ti e nós, Jesus de Nazaré? Vieste para nos perder? Sei quem és: és o santo de Deus.

— Jesus, porém, falando-lhe ameaçadoramente, disse: Cala-te e sai desse homem.

— Então, o Espírito impuro, agitando o homem em violentas convulsões, saiu dele.

Ficaram todos tão surpreendidos que uns aos outros perguntavam: Que é isto? Que nova doutrina é esta? Ele dá ordem com império, até aos Espíritos impuros, e estes lhe obedecem.

(S. Marcos, 1:21 a 27.)

**30.** Tendo eles saído, apresentaram-lhe um homem mudo, possesso do demônio.

— Expulso o demônio o mudo falou e o povo, tomado de admiração, dizia: Jamais se viu coisa semelhante em Israel. Mas os fariseus, ao contrário, diziam: É pelo príncipe dos demônios que ele expele os demônios.

(S. Mateus, 9:32 a 34.)

**31.** Quando ele foi vindo ao lugar onde estavam os outros discípulos, viu em torno destes uma grande multidão, de pessoas e muitos escribas que com eles disputavam.

— Logo que deu com Jesus, todo o povo se tomou de espanto e temor e correram todos a saudá-lo.

Perguntou ele então: Sobre que disputáveis em assembleia? — Um homem, do meio do povo, tomando a palavra, disse: Mestre, trouxe-te meu filho, que está possesso de um Espírito mudo; — em todo lugar onde dele se apossa, atira-o por terra e o menino, espuma, rilha os dentes e se torna todo seco.

Pedi a teus discípulos que o expulsassem, mas eles não puderam. Disse-lhes Jesus: Oh! gente incrédula, até quando estarei convosco? Até quando vos suportarei? Trazei-o. — Trouxeram-no e ainda não havia ele posto os olhos em Jesus, e o Espírito entrou a agitá-lo violentamente; ele caiu no chão e se pôs a rolar espumando.

Jesus perguntou ao pai do menino: Desde quando isto lhe sucede? — Desde pequenino, diz o pai.

— E o Espírito o tem lançado, muitas vezes, ora à água, ora ao fogo, para fazê-lo perecer; se alguma coisa puderes, tem compaixão de nós e socorre-nos.

Respondeu-lhe Jesus: Se puderes crer, tudo é possível àquele que crê. — Logo exclamou o pai do menino, banhado em lágrimas: Senhor, creio, ajuda-me na minha incredulidade.

Jesus, vendo que o povo acorria em multidão, falou em tom de ameaça ao Espírito impuro, dizendo-lhe: Espírito surdo e mudo sai desse menino e não entres mais nele.

— Então, o Espírito, soltando grande grito e agitando o menino em violentas convulsões, saiu, ficando como morto o menino, de sorte que muitos diziam que ele morrera.

— Mas Jesus, tomando-lhe as mãos e amparando-o, fê-lo levantar-se.

Quando Jesus voltou para casa, seus discípulos lhe perguntaram, em particular: Por que não pudemos nós expulsar esse demônio? — Ele respondeu: Os demônios desta espécie não podem ser expulsos senão pela prece e pelo jejum.

(S. Marcos, 9:13 a 28.)

**32.** Apresentaram-lhe então um possesso cego e mudo e ele o curou, de modo que o possesso começou a falar e a ver: — Todo o povo ficou presa de admiração e dizia: Não é esse o filho de David? Mas os fariseus, isso ouvindo, diziam: Este homem expulsa os demônios com o auxílio de Belzebu, príncipe dos demônios.



## A Gênese – (Parte II – Capítulo XV)

Jesus, conhecendo-lhes os pensamentos, disse-lhes: Todo reino que se dividir contra si mesmo será arruinado e toda cidade ou casa que se divide contra si mesma não pode subsistir.

— Se Satanás expulsa a Satanás, ele está dividido contra si mesmo, como, pois, o seu reino poderá subsistir? — E, se é por Belzebu que eu expulso os demônios, por quem os expulsarão vossos filhos? Por isso, eles próprios serão os vossos juízes.

— Se eu expulso os demônios pelo Espírito de Deus, é que o reino de Deus veio até vós.

(S. Mateus, 12:22 a 28.)

**33.** Com as curas, as libertações de possessos figuram entre os mais numerosos atos de Jesus. Alguns há, entre os fatos dessa natureza, como os acima narrados, no nº 30, em que a possessão não é evidente.

Provavelmente, naquela época, como ainda hoje acontece, atribuía-se à influência dos demônios todas as enfermidades cuja causa se não conhecia, principalmente a mudez, a epilepsia e a catalepsia.

Outros há, todavia, em que nada tem de duvidosa a ação dos maus Espíritos, casos esses que guardam com os de que somos testemunhas tão frisante analogia, que neles se reconhecem todos os sintomas de tal gênero de afecção.

A prova da participação de uma inteligência oculta, em tal caso, ressalta de um fato material: são as múltiplas curas radicais obtidas, nalguns centros espíritas, pela só evocação e doutrinação dos Espíritos obsessores, sem magnetização, nem medicamentos e, muitas vezes, na ausência do paciente e a grande distância deste.

A imensa superioridade do Cristo lhe dava tal autoridade sobre os Espíritos imperfeitos, chamados então demônios, que lhe bastava ordenar se retirassem para que não pudessem resistir a essa injunção.

(Cap. XIV, nº 46.)

**34.** O fato de serem alguns maus Espíritos mandados meter-se em corpos de porcos é o que pode haver de menos provável.

Aliás, seria difícil explicar a existência de tão numeroso rebanho de porcos num país onde esse animal era tido em horror e nenhuma utilidade oferecia para a alimentação.

Um Espírito, porque mau, não deixa de ser um Espírito humano, embora tão imperfeito que continue a fazer mal, depois de desencarnar, como o fazia antes, e é contra todas as leis da Natureza que lhe seja possível fazer morada no corpo de um animal.

No fato, pois, a que nos referimos, temos que reconhecer a existência de uma dessas ampliações tão comuns nos tempos de ignorância e de superstição; ou, então, será uma alegoria destinada a caracterizar os pendores imundos de certos Espíritos.

**35.** Parece que, ao tempo de Jesus, eram em grande número, na Judeia, os obsidiados e os possessos, donde a oportunidade que ele teve de curar a muitos.

Sem dúvida, os Espíritos maus haviam invadido aquele país e causado uma epidemia de possessões.

(Cap. XIV, nº 49.)

Sem apresentarem caráter epidêmico, as obsessões individuais são muitíssimo, frequentes e se apresentam sob os mais variados aspectos que, entretanto, por um conhecimento amplo do Espiritismo, facilmente se descobrem.

Podem, não raro, trazer consequências danosas à saúde, seja agravando afecções orgânicas já existentes, seja ocasionando-as.

Um dia, virão a ser, incontestavelmente, arroladas entre as causas patológicas que requerem, pela sua natureza especial, especiais meios de tratamento.

Revelando a causa do mal, o Espiritismo rasga nova senda à arte de curar e fornece à Ciência meio de alcançar êxito onde até hoje quase sempre vê malogrados seus esforços, pela razão de não atender à primordial causa do mal.

(O Livro dos Médiuns, 2ª Parte, cap. XXIII.)

## A Gênese – (Parte II – Capítulo XV)

**36.** Os fariseus diziam que por influência dos demônios é que Jesus expulsava os demônios; segundo eles, o bem que Jesus fazia era obra de Satanás; não refletiam que, se Satanás expulsasse a si mesmo, praticaria rematada insensatez.

É de notar-se que os fariseus daquele tempo já pretendessem que toda faculdade transcendente e, por esse motivo, reputada sobrenatural, era obra do demônio, pois que, na opinião deles, era do demônio que Jesus recebia o poder de que dispunha.

É esse mais um ponto de semelhança daquela com a época atual e tal doutrina é ainda a que a Igreja procura fazer que prevaleça hoje, contra as manifestações espíritas. (1)

(1) Nem todos os teólogos, porém, adotam opiniões tão absolutas sobre a doutrina demoníaca. Aqui está uma cujo valor o clero não pode contestar, emitida por um eclesiástico, Monsenhor Freyssinous, bispo de Hermópolis, na seguinte passagem das suas Conferências sobre a religião, tomo 2º, pág. 341 (Paris, 1825):

“Se Jesus operasse seus milagres pelo poder do demônio, este houvera trabalhado pela destruição do seu império e teria empregado contra si próprio o seu poder. Certamente, um demônio que procurasse destruir o reinado do vício para implantar o da virtude, seria um demônio muito singular. Eis por que Jesus, para repelir a absurda acusação dos judeus, lhes dizia:”

Se opero prodígios em nome do demônio, o demônio está dividido consigo mesmo, trabalha, conseqüentemente, por se destruir a si próprio!” resposta que não admite réplica.

É precisamente o argumento que os espíritas opõem aos que atribuem ao demônio os bons conselhos que os Espíritos lhes dão.

O demônio agiria então como um ladrão profissional que restituísse tudo o que houvesse roubado e exortasse os outros ladrões a se tornarem pessoas honestas.

**Crônicas e Artigos**

22 – 14/09/2007

O Consolador – (Fernando A. Moreira)

**VI. Possessos**

**A possessão segundo Kardec**

Pode um Espírito tomar temporariamente o invólucro corporal de uma pessoa viva, isto é introduzir-se num corpo animado e obrar em lugar do outro que se acha encarnado nesse corpo?

– O Espírito não entra em um corpo como entras numa casa.

Identifica-se com um Espírito encarnado, cujos defeitos e qualidades sejam os mesmos que os seus, a fim de obrar conjuntamente com ele.

Mas, o encarnado é sempre quem atua, conforme quer, sobre a matéria de que se acha revestido. Um Espírito não pode substituir-se ao que está encarnado, por isso que este terá que permanecer ligado ao seu corpo até ao termo, fixado para sua existência material. (1)

Kardec retira suas conclusões, prepara e efetua a pergunta seguinte, e os Espíritos respondem:

– Desde que não há possessão propriamente dita, isto é, coabitação de dois Espíritos no mesmo corpo, pode a alma ficar na dependência de outro Espírito, de modo a se achar subjugada ou obsidiada ao ponto de sua vontade vir a achar-se, de certa maneira, paralisada?

– Sem dúvida e são esses os verdadeiros possessos. Mas é preciso saibais que essa denominação não se efetua nunca sem que aquele que sofre o consinta, quer por sua fraqueza, quer por desejá-la. Muitos epiléticos ou loucos, que mais necessitam de médico que de exorcismos, têm sido tomados por possessos.

Os Espíritos, aí, fazem uma nítida distinção entre os verdadeiros e os falsos possessos.

Os verdadeiros são os subjugados até ao ponto de sua vontade vir a achar-se, de certa maneira, paralisada; os falsos são os que não correspondem aos casos de obsessão, necessitando tratamento médico.

Comenta ainda Kardec, após a resposta dos Espíritos:

“O termo possesso só se deve admitir como exprimindo a dependência absoluta em que uma alma pode achar-se a Espíritos imperfeitos que a subjuguem.”

**Bibliografia:**

(1) **Kardec** Allan, O Livro dos Espíritos, (perg. 473, pg. 250.)

**Estudos**

DM Estudos Espíritas

**VI. Possessos**

**Possessos**

Em Cafarnaum, Jesus em dia de sábado, ensina o Evangelho, na sinagoga e o povo se admirava – pelo seu jeito de instruí-los, demonstrando autoridade – coisa que os escribas não faziam.

Encontrava-se na sinagoga um homem possesso de um Espírito impuro que exclamou: “Que há entre ti e nós, Jesus de Nazaré? Vieste para nos perder? Sei quem és: és o santo de Deus.” -

Jesus, porém, falando-lhe de um tom ameaçador, disse: “Cala-te e sai desse homem.” - Então, o Espírito impuro, agitando o homem em violentas convulsões, saiu dele.

Todos ficaram surpreendidos que se perguntavam; “Que é isso? Que nova doutrina é essa? Ele dá ordem com império, até os Espíritos impuros, e estes lhe obedecem.”

(Marcos, 1:21 a 27.)

O povo tomado de admiração, dizia: “Jamais se viu coisa semelhante em Israel.”

Os fariseus, ao contrário, diziam: “É pelo príncipe dos demônios que Ele expelle os demônios.”

(Mateus, 9:32 a 34.)

Os fariseus diziam: “Este homem expulsa os demônios com o auxílio de belzebu, príncipe dos demônios.

Jesus, conhecendo-lhes os pensamentos, disse-lhes: “Todo reino que se dividir contra si mesmo será arruinado e toda cidade ou casa que se divide contra si mesma não pode subsistir.

Se Satanás expulsa Satanás, ele está dividido contra si mesmo, como, pois, o seu reino poderá subsistir? - E, se é por Belzebu que eu expulso os demônios, por quem os expulsarão vossos filhos? Por isso, eles próprios serão os vossos juízes.

Se eu expulso os demônios pelo Espírito de Deus, é que o reino de Deus veio até vós.”

(Mateus, 12:22 a 28.)

## VII – RESSURREIÇÕES

### VII – I. A filha de Jairo

37. Tendo Jesus passado novamente, de barca, para a outra margem, logo que desembarcou, grande multidão se lhe apinhou ao redor.

Então, um chefe de sinagoga, chamado Jairo veio ao seu encontro e, ao aproximar-se dele, se lhe lançou aos pés, — a suplicar com grande instância, dizendo: Tenho uma filha que está no momento extremo; vem impor-lhe as mãos para a curar e lhe salvar a vida. Jesus foi com ele, acompanhado de grande multidão, que o comprimia.

Quando Jairo ainda falava, vieram pessoas que lhe eram subordinadas e lhe disseram: Tua filha está morta; por que hás de dar ao Mestre o incômodo de ir mais longe? — Jesus, porém, ouvindo isso, disse ao chefe da sinagoga: Não te aflijas, crê apenas.

— E a ninguém permitiu que o acompanhasse, senão a Pedro, Tiago e João, irmão de Tiago. Chegando à casa do chefe da sinagoga, viu ele uma aglomeração confusa de pessoas que choravam e soltavam grandes gritos.

— Entrando, disse-lhes ele: Por que fazeis tanto alarido e por que chorais? Esta menina não está morta, está apenas adormecida.

— Zombavam dele. Tendo feito que toda a gente saísse, chamou o pai e mãe da menina e os que tinham vindo em sua companhia e entrou no lugar onde a menina se achava deitada.

— Tomou-lhe a mão e disse: Talitha cumi, isto é: Minha filha, levanta-te, eu to ordeno.

— No mesmo instante a menina se levantou e se pôs a andar, pois contava doze anos, e ficaram todos maravilhados e espantados.

(S. Marcos, 5:21 a 43.)

**VII. I – A filha de Jairo**

**A ressuscitação só é possível se a morte não está completa**

9. O Novo Testamento refere casos de ressuscitação que se tornaram célebres ao tempo de Jesus, como os episódios que envolveram o filho de uma viúva de Naim, a filha de Jairo e Lázaro, irmão de Marta e Maria.

É evidente, observam os estudiosos espíritas, que tais casos não passaram do conhecido fenômeno de morte aparente, em que, possivelmente em estado de letargia ou catalepsia, aquelas três pessoas foram consideradas mortas.

10. Nesse estado, o corpo ainda vive, porquanto há nele funções que continuam a executar-se. Sua vitalidade encontra-se em estado latente, como na crisálida, mas não aniquilada.

Se o corpo está vivo, o Espírito se lhe acha ligado.

Por isso, se um indivíduo, aparentemente morto, volve à vida, é porque não era completa a morte.

11. Se a morte não está completa, podem reatar-se, por meio de cuidados dispensados a tempo, os laços prestes a se desfazerem e restituir-se à vida um ser que morreria, se não fosse socorrido. Esse fato foi o que se deu nos episódios narrados pelos evangelistas e não há dúvida de que o magnetismo exerceu um papel preponderante no caso, visto que, restituindo ao corpo enfraquecido o fluido vital de que ele carece, pode a ação magnética contribuir para que o ressuscitamento se dê, o que não constitui em absoluto um prodígio ou um milagre.

12. Dos casos citados, parece-nos que o de Lázaro é o que melhor se enquadra como letargia ou catalepsia completa, porquanto, estando sepultado por vários dias, o irmão de Marta volveu à vida, graças ao prodigioso poder magnético de Jesus.

**A filha de Jairo – Capítulo XV – A Gênese - (resumo)**

Passando Jesus novamente, para a outra margem, desembarcando, Jairo chefe de sinagoga, veio ao seu encontro lançando-se aos pés e suplicando-lhe: “Minha filha está no momento extremo; vem salvá-la impondo-lhe as mãos”.

Acompanhado de uma grande multidão Jesus o acompanhou.

Jairo ainda falava, e seus subordinados vieram e lhe falaram: “Tua filha está morta; por que hás de dar ao Mestre o incômodo de ir mais longe?”.

Jesus, ouvindo isso, disse a Jairo: “Não te aflijas, apenas crê.” - Não permitiu que ninguém o acompanhasse, senão Pedro, Tiago e João, irmão de Tiago.

Chegando a casa de Jairo, após presenciar uma confusão de pessoas ele mencionou: “Porque que fazeis tanto alarido e por que chorais? Esta menina não está morta, está apenas adormecida.”

Entrou no lugar onde estava a menina, com o pai, e com aqueles que o acompanharam – tomou-lhe a mão dizendo: “Talitha cumi”, isto é: “Minha filha, levanta-te, Eu te ordeno.” - a menina no mesmo instante se levantou e se pôs a andar, pois contava doze anos – ficando todos maravilhados e espantados (Marcos, 5:21 a 43.)

## A Gênese – (Parte II – Capítulo XV)

### VII – II. O filho da viúva de Naim

**38.** No dia seguinte, dirigiu-se Jesus para uma cidade chamada Naim; acompanhavam-no seus discípulos e grande multidão de povo.

— Quando estava perto da porta da cidade, aconteceu que levavam a sepultar um morto, que era filho único de sua mãe e essa mulher era viúva; estava com ela grande número de pessoas da cidade.

— Tendo-a visto, o Senhor se tomou de compaixão para com ela e lhe disse: Não chores.

— Depois, aproximando-se, tocou o esquife e os que o conduziam pararam. Então, disse ele: Mancebo, levanta-te, eu o ordeno.

— Imediatamente, o moço se sentou e começou a falar.

E Jesus o restituiu à sua mãe.

Todos os que estavam presentes ficaram tomados de espanto e glorificavam a Deus, dizendo: Um grande profeta surgiu entre nós e Deus visitou o seu povo.

— O rumor desse milagre que ele fizera se espalhou por toda a Judéia e por todas as regiões circunvizinhas.

(S. Lucas, 7:11 a 17.) 39.

Contrário seria às leis da Natureza e, portanto, milagroso, o fato de voltar à vida corpórea um indivíduo que se achasse realmente morto.

Ora, não há mister se recorra a essa ordem de fatos, para ter-se a explicação das ressurreições que Jesus operou.

Se, mesmo na atualidade, as aparências enganam por vezes os profissionais, quão mais frequentes não haviam de ser os acidentes daquela natureza, num país onde nenhuma precaução se tomava contra eles e onde o sepultamento era imediato (1).

(1) Uma prova desse costume se nos depara nos Atos dos Apóstolos, 5:5 e seguintes.

“Ananias, tendo ouvido aquelas palavras, caiu e rendeu o Espírito e todos os que ouviram falar disso foram presas de grande temor.

— Logo, alguns rapazes lhe vieram buscar o corpo e, tendo-o levado, o enterraram.

— Passadas umas três horas, sua mulher (Safira), que nada sabia do que se dera, entrou.

— E Pedro lhe disse. etc.

— No mesmo instante, ela lhe caiu aos pés e rendeu o Espírito.

Aqueles rapazes, voltando, a encontraram morta e, levando-a, enterraram-na junto do marido”.

É, pois, de todo ponto provável que, nos dois casos acima, apenas síncope ou letargia houvesse. O próprio Jesus declara positivamente, com relação à filha de Jairo: Esta menina, disse ele, não está morta, está apenas adormecida.

Dado o poder fluídico que ele possuía, nada de espantoso há em que esse fluido vivificante, acionado por uma vontade forte, haja reanimado os sentidos em torpor; que haja mesmo feito voltar ao corpo o Espírito, prestes a abandoná-lo, uma vez que o laço perispirítico ainda se não rompera definitivamente.

Para os homens daquela época, que consideravam morto o indivíduo desde que deixara de respirar, havia ressurreição em casos tais; mas, o que na realidade havia era cura e não ressurreição, na acepção legítima do termo.

**40.** A ressurreição de Lázaro, digam o que disserem, de nenhum modo infirma este princípio.

Ele estava, dizem, havia quatro dias no sepulcro; sabe-se, porém, que há letargias que duram oito dias e até mais.

Acrescentam que já cheirava mal, o que é sinal de decomposição.

Esta alegação também nada prova, dado que em certos indivíduos há decomposição parcial do corpo, mesmo antes da morte, havendo em tal caso cheiro de podridão.

A morte só se verifica quando são atacados os órgãos essenciais à vida.

## A Gênese – (Parte II – Capítulo XV)

E quem podia saber que Lázaro já cheirava mal? Foi sua irmã Maria quem o disse. Mas, como o sabia ela? Por haver já quatro dias que Lázaro fora enterrado, ela o supunha; nenhuma certeza, entretanto, podia ter. (Cap. XIV, nº 29.) (1)

(1) O fato seguinte prova que a decomposição precede algumas vezes a morte.

No Convento do Bom Pastor, fundado em Toulon, pelo padre Marin, capelão dos cárceres, e destinado às decaídas que se arrependem, encontrava-se uma rapariga que suportara os mais terríveis sofrimentos com a calma e a impassibilidade de uma vítima expiatória.

Em meio de suas dores parecia sorrir para uma visão celestial.

Como Santa Teresa, pedia lhe fosse dado sofrer mais, embora suas carnes já se achassem em frangalhos, com a gangrena a lhe devastar todos os membros.

Por sábia previdência, os médicos tinham recomendado que fizessem a inumação do corpo, logo após o trespasse.

Coisa singular! Mal a doente exalou o último suspiro, cessou todo o trabalho de decomposição; desapareceram as exalações cadaverosas, de sorte que durante 36 horas pôde o corpo ficar exposto às preces e à veneração da comunidade.



**O Evangelho segundo Lucas**

**Dos nascidos de mulher, não há ninguém maior do que João Batista**

Depois da ressurreição do filho da viúva de Naim, a fama de Jesus, aumentou, ainda mais em toda a Judeia e nas terras vizinhas.

João, filho de Zacarias, que já estava encarcerado, chamando dois dos seus discípulos, enviou-os a Jesus, dizendo:

“És tu aquele que havia de vir, ou esperamos outro?” Respondendo, Jesus disse-lhes:

“Ide, e anunciai a João o que tendes visto e ouvido: que os cegos veem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e aos pobres anuncia-se o evangelho.

E bem-aventurado é aquele que em mim se não escandalizar”.

Logo depois, ao revelar à multidão quem era, na verdade, João Batista, Jesus acrescentou:

“E eu vos digo que entre os nascidos de mulheres não há maior profeta do que João Batista; mas o menor no reino de Deus é maior do que ele.

E todo o povo que o ouviu e os publicanos, tendo sido batizados com o batismo de João, justificaram a Deus.

Mas os fariseus e os doutores da lei rejeitaram o conselho de Deus contra si mesmos, não tendo sido batizados por ele.”

(Lucas, 7:17 a 7:30.)

**O filho da viúva de Naim – Capítulo XV – A Gênese - (resumo)**

Aproximando-se da cidade de Naim, Jesus deparou-se com um cortejo fúnebre; tratando-se um rapaz, filho único de uma viúva.

Compadecendo-se com o sofrimento da mãe, Jesus ordenou ao rapaz que se levantasse – a que este se sentou e começou a falar – todos ficaram espantados. Tal facto foi considerado milagroso, espalhou-se por toda a Judéia e vizinhanças.

Era costume na época sepultar-se logo em seguida alguém que deixasse de respirar – pois era considerado como morto.

No caso houve a cura produzida pelo Mestre e não ressurreição

### VIII – JESUS CAMINHA SOBRE A ÁGUA

41. Logo, fez Jesus que seus discípulos tomassem a barca e passassem para a outra margem antes dele, que ficava a despedir o povo.

— Depois de o ter despedido, subiu a um monte para orar e, tendo caído a noite, achou-se ele sozinho naquele lugar. Entrementes, a barca era fortemente açoitada pelas ondas, em meio do mar, por ser contrário o vento.

— Mas, na quarta vigília da noite, Jesus foi ter com eles, caminhando por sobre o mar. (2)

(2) O lago de Genesaré ou de Tiberíades.

— Quando eles o viram andando sobre o mar, turbaram-se e diziam: É um fantasma e se puseram a gritar amedrontados.

Jesus então lhes falou dizendo: Tranquilizai-vos, sou eu, não tendes medo.

Pedro lhe respondeu: Senhor, se és tu, manda que eu vá ao teu encontro, caminhando sobre as águas.

Disse-lhe Jesus: Vem. Pedro, descendo da barca, caminhava sobre a água, ao encontro de Jesus. Mas, vindo um grande vento, ele teve medo; e como começasse a submergir, clamou: Senhor, salva-me.

Logo, Jesus, estendendo-lhe a mão, disse: Homem de pouca fé! por que duvidaste? — E, tendo subido para a barca, cessou o vento.

— Então, os que estavam na barca, aproximando-se dele, o adoraram, dizendo: És verdadeiramente filho de Deus.

(S. Mateus, 14:22 a 33.)

42. Este fenômeno encontra explicação natural nos princípios acima expostos, cap. XIV, nº 43. Exemplos análogos provam que ele nada tem de impossível, nem de miraculoso, pois que se produz sob a ação das leis da Natureza.

Pode operar-se de duas maneiras. Jesus, embora estivesse vivo, pôde aparecer sobre a água, com uma forma tangível, estando alhures o seu corpo.

É a hipótese mais provável. Fácil é mesmo descobrir-se na narrativa alguns sinais característicos das aparições tangíveis.

(Cap. XIV, nos 35 a 37.)

Por outro lado, também pode ter sucedido que seu corpo fosse sustentado e neutralizada a sua gravidade pela mesma força fluídica que mantém no espaço uma mesa, sem ponto de apoio. Idêntico efeito se produz muitas vezes com os corpos humanos.

## **A Gênese – (Parte II – Capítulo XV)**

### **Estudo sistematizado do novo testamento**

186 – 28/11/2010

O Consolador - (Thiago Bernardes)

### **VIII. Jesus caminha sobre as águas**

#### **O Evangelho segundo João**

Depois da multiplicação de pães e peixes feita por Jesus, os homens que ali estavam diziam: “Este é verdadeiramente o profeta que devia vir ao mundo”.

Ciente de que haviam de buscá-lo para o fazerem rei, Jesus retirou-se, sozinho, para o monte. À tarde, seus discípulos desceram para o mar, em direção a Cafarnaum.

Já estava escuro, e Jesus ainda não se havia juntado a eles, quando o mar se agitou e eles puderam ver o Mestre, que andava sobre as águas em direção ao barco deles, e temeram.

Jesus lhes disse: “Sou eu, não temais”.

Eles, então, o receberam no barco, e este logo chegou à terra para onde iam.

(João, 6:14 a 6:21.)

#### **Jesus caminha sobre as águas – Capítulo XV – A Gênese - (resumo)**

Dentro de barco, os discípulos amedrontados com a fúria das águas – viram Jesus chegando “caminhando sobre o mar.”

Pedro lhe pediu para fazer o mesmo – de imediato o Mestre mandou-o a seu encontro.

Dando alguns passos, vacilou e começou a afundar – Jesus o socorreu dizendo-lhe: “Homem de pouca fé” Por que duvidaste?”.

O fenômeno de levitação de um ser humano produz-se “sob a ação das leis da natureza” - por efeito da mesma “força fluídica que mantém no espaço uma mesa, sem nenhum apoio.

Poderia também ter ocorrido a aparição de Jesus, estando longe seu corpo real.

## **IX – TRANSFIGURAÇÃO**

**43.** Seis dias depois, tendo chamado de parte a Pedro, Tiago e João, Jesus os levou consigo a um alto monte afastado (1) e se transfigurou diante deles.

— Enquanto orava, seu rosto pareceu inteiramente outro; suas vestes se tornaram brilhantemente luminosas e brancas, qual a neve, como não há pisoeiro na Terra que possa fazer alguma tão alva.

— E eles viram aparecer Elias e Moisés, a entreter palestra com Jesus. Então, disse Pedro a Jesus: Mestre, estamos bem aqui; façamos três tendas: uma para ti, outra para Moisés, outra para Elias.

— É que ele não sabia o que dizia, tão espantado estava.

Ao mesmo tempo, apareceu uma nuvem que os cobriu; e, dessa nuvem, uma voz partiu, fazendo ouvir estas palavras: Este é meu Filho bem-amado; escutai-o.

Logo, olhando para todos os lados, a ninguém mais viram, senão a Jesus, que ficara a sós com eles.

Quando desciam do monte, ordenou-lhes ele que a ninguém falassem do que tinham visto, até que o Filho do Homem ressuscitasse dentre os mortos.

— E eles conservaram em segredo o fato, inquirindo uns dos outros o que teria ele querido dizer com estas palavras: Até que o Filho do Homem tenha ressuscitado dentre os mortos.

(S. Marcos, 9:1 a 9.)

(1) O Monte Tabor, a sudoeste do lago de Tabarich e a 11 quilômetros a sudeste de Nazaré, com cerca de 1.000 metros de altura.

**44.** É ainda nas propriedades do fluido perispirítico que se encontra a explicação deste fenômeno. A transfiguração, explicada no cap. XIV, nº 39, é um fato muito comum que, em virtude da irradiação fluídica, pode modificar a aparência de um indivíduo; mas, a pureza do perispirito de Jesus permitiu que seu Espírito lhe desse excepcional fulgor.

Quanto à aparição de Moisés e Elias cabe inteiramente no rol de todos os fenômenos do mesmo gênero.

(Cap. XIV, nos 35 e seguintes.)

De todas faculdades que Jesus revelou, nenhuma se pode apontar estranha às condições da humanidade e que se não encontre comumente nos homens, porque estão todas na ordem da Natureza.

Pela superioridade, porém, da sua essência moral e de suas qualidades fluídicas, aquelas faculdades atingiam nele proporções muito acima das que são vulgares.

Posto de lado o seu envoltório carnal, ele nos patenteava o estado dos puros Espíritos.

**Estudo sistematizado do novo testamento**

328 – 08/09/2013

O Consolador - (Paulo da Silva Neto Sobrinho)

**IX. Transfiguração**

**Jesus na sessão Espírita do Tabor**

O episódio é denominado, pelos biblicistas, de Transfiguração; embora tenha sido citado pelos Evangelhos sinóticos, ele não consta do de João; eis o que é dito na narrativa de Mateus:

Mt 17:1-9:

“Seis dias depois, Jesus tomou Pedro, Tiago e seu irmão João, e os levou à parte, sobre uma alta montanha. E ali foi transfigurado diante deles.

O seu rosto resplandeceu como o sol e as suas vestes tornaram-se alvas como a luz.

E eis que lhes apareceram Moisés e Elias conversando com ele.

Então Pedro, tomando a palavra, disse a Jesus: “Senhor, é bom estarmos aqui. Se quiseres, levantarei aqui três tendas: uma para ti, outra para Moisés e outra para Elias”.

Ainda falava, quando uma nuvem luminosa os cobriu com a sua sombra e uma voz, que saía da nuvem, disse: “Este é meu Filho amado, em quem me comprazo, ouvi-o!”

Os discípulos, ouvindo a voz, muito assustados, caíram com o rosto no chão. Jesus chegou perto deles e, tocando-os, disse: “Levantai-vos e não tenhais medo”. Erguendo os olhos, não viram ninguém: Jesus estava sozinho. Ao descerem do monte, Jesus ordenou-lhes: “Não conteis a ninguém essa visão, até que o Filho do Homem ressuscite dos mortos”.

(Bíblia de Jerusalém, 1987).

Primeiramente, queremos deixar registrado que há algumas divergências nos textos bíblicos. Uma delas é a de que Mateus e Marcos dizem que tal acontecimento se deu “seis dias” depois (Mt 17,1; Mc 9,2), enquanto, a de Lucas afirma ter sido “oito dias” (Lc 9,28).

Mais gritante ainda é o fato de Mateus e Lucas afirmarem que o rosto de Jesus foi que resplandeceu, ao passo que Marcos já diz ter sido o seu manto.

Já Lucas é o único que menciona o assunto da conversa de Jesus com os espíritos Moisés e Elias, qual seja: “falavam de sua partida que iria se consumir em Jerusalém” (Lc 9,31); o silêncio dos outros dois nos causa estranheza.

Isso tudo só vem depor contra a tese da inerrância bíblica, comum aos que se recusam a ver que os textos bíblicos muito têm de “inspiração” humana e pouco de divina.

**O que exatamente ocorreu no monte Tabor** – Vejamos quais foram os três fenômenos mediúnicos acontecidos no relato. Se Lucas descreveu corretamente os fenômenos, quando disse que “Pedro e os companheiros estavam pesados de sono.

Ao despertarem, viram sua glória e os dois homens que estavam com ele” (Lc 9,32), por esse “pesados de sono” podemos classificá-los como de efeitos físicos, tendo como doadores do ectoplasma os discípulos Pedro, Tiago e João.

Esclareça-se que é comum, nos fenômenos de materialização, a produção de “uma nuvem luminosa” no momento em que o ectoplasma se exterioriza do médium que, na maioria das vezes, já se encontra em sono profundo, exatamente como essas duas particularidades estão relatadas no passo.

Coincidentemente, esses três discípulos também estiveram com Jesus na cura da filha de Jairo, vista como se estivesse morta (Mc 5,21-24.35-43).

## **A Gênese – (Parte II – Capítulo XV)**

### **1º – Transfiguração:**

Foi o que aconteceu com Jesus, quando seu perispírito envolveu seu corpo físico numa luz radiante, pondo em evidência sua elevada condição espiritual.

É bem provável ter sido usado o ectoplasma de Pedro, Tiago e João para se produzir esse fenômeno.

### **2º – Materialização:**

Os dois protagonistas do evento foram Moisés e Elias, ao se materializarem para conversar com Jesus, fenômeno esse que pôde ser visto pelos três discípulos que o acompanhavam.

### **3º – Voz direta:**

A voz que saiu da nuvem, certamente, trata-se de um fenômeno de voz direta, no qual algum ser espiritual, utilizando-se do ectoplasma, que se apresentava na forma de nuvem, produziu uma garganta ectoplasmática para dar sua mensagem, identificando a Jesus como o enviado de Deus, a quem todos deveriam ouvir.

Nestes tipos de fenômenos todos os que estiverem no ambiente ou local do acontecimento irão vê-los ou percebê-los, exatamente, porque se tratam de fenômenos de efeitos físicos.

**X – TEMPESTADE APLACADA**

**45.** Certo dia, tendo tomado uma barca com seus discípulos, disse-lhes ele: Passemos à outra margem do lago. Partiram então.

Durante a travessia, ele adormeceu.

— Então, um grande turbilhão de vento se abateu de súbito sobre o lago, de sorte que, enchendo-se de água a barca, eles se viam em perigo.

Aproximaram-se, pois, dele e o despertaram, dizendo-lhe: Mestre, perecemos. Jesus, levantando-se, falou, ameaçador, aos ventos e às ondas agitadas e uns e outras se aplacaram, sobrevivendo grande calma.

Ele então lhes disse: Onde está a vossa fé? Eles, porém, cheios de temor e admiração, perguntavam uns aos outros: Quem é este que assim dá ordens ao vento e às ondas, e eles lhe obedecem?

(S. Lucas, 8:22 a 25.)

**46.** Ainda não conhecemos bastante os segredos da Natureza para dizer se há ou não inteligências ocultas presidindo à ação dos elementos.

Na hipótese de haver, o fenômeno em questão poderia ter resultado de um ato de autoridade sobre essas inteligências e provaria um poder que a nenhum homem é dado exercer.

Como quer que seja, o fato de estar Jesus a dormir tranquilamente, durante a tempestade, atesta de sua parte uma segurança que se pode explicar pela circunstância de que seu Espírito via não haver perigo nenhum e que a tempestade ia amainar.

## A Gênese – (Parte II – Capítulo XV)

### Estudos

DM Estudos Espíritos

### X. Tempestade aplacada

#### Tempestade aplacada

Tomando uma barca, Jesus e seus discípulos estavam atravessando um lago.

No decorrer da travessia Jesus adormeceu – de súbita tempestade que ameaçava virar o barco, visto que a barca estava se enchendo de água.

Os discípulos assustados o acordaram dizendo: “Mestre pereceremos.” - Jesus, levantando-se, falou, com tom ameaçador aos ventos, e as ondas e o vento se aplacaram – resultando em grande calma – os discípulos ficaram espantados.

Jesus disse aos discípulos: “Onde está a vossa fé?” - eles ainda assustados se perguntavam: “Quem é este que dá ordem ao vento e às ondas, e eles lhe obedecem?”  
(Lucas, 8:22 a 25.)

Não conhecemos bastante os segredos da natureza, para saber se existe inteligência oculta presidindo a ação dos elementos.



## **XI – BODAS DE CANÁ**

47. Este milagre, referido unicamente no Evangelho de S. João, é apresentado como o primeiro que Jesus operou e, nessas condições, devera ter sido um dos mais notados. Entretanto, bem fraca impressão parece haver produzido, pois que nenhum outro evangelista dele trata.

Fato não extraordinário era para deixar espantados, no mais alto grau, os convivas e, sobretudo, o dono da casa, os quais, todavia, parece que não o perceberam.

Considerado em si mesmo, pouca importância tem o fato, em comparação com os que, verdadeiramente, atestam as qualidades espirituais de Jesus.

Admitido que as coisas hajam ocorrido, conforme foram narradas, é de notar-se seja esse, de tal gênero, o único fenômeno que se tenha produzido.

Jesus era de natureza extremamente elevada, para se ater a efeitos puramente materiais, próprios apenas a aguçar a curiosidade da multidão que, então, o teria nivelado a um mágico.

Ele sabia que as coisas úteis lhe conquistariam mais simpatias e lhe granjeariam mais adeptos, do que as que facilmente passariam por fruto de grande habilidade e destreza (nº 27).

Se bem que, a rigor, o fato se possa explicar, até certo ponto, por uma ação fluídica que houvesse, como o magnetismo oferece muitos exemplos, mudado as propriedades da água, dando-lhe o sabor do vinho, pouco provável é se tenha verificado semelhante hipótese, dado que, em tal caso, a água, tendo do vinho unicamente o sabor, houvera conservado a sua coloração, o que não deixaria de ser notado.

Mais racional é se reconheça aí uma daquelas parábolas tão frequentes nos ensinamentos de Jesus, como a do filho pródigo, a do festim de bodas, do mau rico, da figueira que secou e tantas outras que, todavia, se apresentam com caráter de fatos ocorridos.

Provavelmente, durante o repasto, terá ele aludido ao vinho e à água, tirando de ambos um ensinamento.

Justificam esta opinião as palavras que a respeito lhe dirige o mordomo:

“Toda gente serve em primeiro lugar o vinho bom e, depois que todos o têm bebido muito, serve o menos fino; tu, porém, guardas até agora o bom vinho.”

Entre duas hipóteses, deve-se preferir a mais racional e os espíritas não são tão crédulos que por toda parte vejam manifestações, nem tão absolutos em suas opiniões, que pretendam explicar tudo por meio dos fluidos.

**Crônicas e Artigos**

317 – 23/06/2013

O Consolador - (Paulo da Silva Neto Sobrinho)

**XI. Bodas de Caná**

**Bodas de Caná: o primeiro sinal**

Esse é o título da passagem em que João narra o primeiro milagre de Jesus. Apesar de termos refletido muito sobre ela, ainda não tínhamos nenhuma explicação que justificasse a atitude de Jesus em transformar água em vinho, para embebedar os convidados da festa de que participava. Vejamos o episódio:

“No terceiro dia, houve uma festa de casamento em Caná da Galileia, e a mãe de Jesus estava aí. Jesus também tinha sido convidado para essa festa de casamento, junto com seus discípulos.

Faltou vinho e a mãe de Jesus lhe disse: - Eles não têm mais vinho!

Jesus respondeu: - Mulher, que existe entre nós? Minha hora ainda não chegou.

A mãe de Jesus disse aos que estavam servindo: - Façam o que ele mandar.

Havia aí seis potes de pedra de uns cem litros cada um, que serviam para os ritos de purificação dos judeus.

Jesus disse aos que serviam: - Enchem de água esses potes.

Eles encheram os potes até a boca.

Depois Jesus disse: - Agora tirem e levem ao mestre-sala.

Então, levaram ao mestre-sala. Este provou a água transformada em vinho, sem saber de onde vinha. Os que serviam estavam sabendo, pois foram eles que tiraram a água. Então o mestre-sala chamou o noivo e disse:

– Todos servem primeiro o vinho bom e, quando os convidados estão bêbados, servem o pior. Você, porém, guardou o vinho bom até agora.

Foi assim, em Caná da Galileia, que Jesus começou seus sinais.

Ele manifestou a sua glória, e seus discípulos acreditaram nele.

Depois disso, Jesus desceu para Cafarnaum com sua mãe, seus irmãos e seus discípulos.

E aí ficaram apenas alguns dias.”

(Jo 2, 1-12.)

Ao lermos essa passagem, podemos pensar que Jesus tenha faltado com respeito à sua mãe quando diz: “Mulher, que existe entre nós? Minha hora ainda não chegou”.

Hoje, se usássemos a expressão “mulher”, talvez pensássemos ser mesmo um desprezo, entretanto, naquela época correspondia à palavra “senhora”, com que, atualmente, tratamos com respeito as mulheres.

Jesus não estava negando qualquer relação entre Ele e sua mãe.

A explicação que encontramos foi que o sentido seria “em si, nós nada temos a ver com esta falta de vinho.

Minha hora de fazer milagres ainda não chegou. Contudo, a teu pedido, antecipo esta hora”

(Bíblia Sagrada, Ave-Maria, p. 1385).

Mas qual é o verdadeiro sentido dessa passagem? Nós o vamos encontrar no que a pessoa encarregada da festa disse para o noivo: Todos servem primeiro o vinho bom e, quando os convidados estão bêbados, servem o pior. Você, porém, guardou o vinho bom até agora.

Considerando que, com esse primeiro ato público, Jesus inicia a sua missão, podemos dizer que o “vinho bom guardado até agora” são os ensinamentos de Jesus, superiores aos recebidos anteriormente, por meio de Moisés que seria simbolicamente o vinho de pior qualidade.

Até mesmo porque, e sem querer desmerecê-los, a humanidade daquela época não estava preparada para receber vinho de melhor qualidade, se assim podemos nos expressar.

## **A Gênese – (Parte II – Capítulo XV)**

O que podemos confirmar com o que, por várias vezes, foi dito por Jesus: “aprendeste o que foi dito, eu porém vos digo”, deixando-nos bem claro que os ensinamentos anteriores não eram, daquele momento em diante, suficientes para “encher” o coração dos homens da verdade do Pai.

Fatos que nos levam à conclusão de que Jesus veio trazer coisas novas.

Os fariseus ficavam inconformados por Jesus não seguir as prescrições da Lei Mosaica, ao que obtiveram como resposta: “Não se coloca remendo de pano novo em pano velho, nem vinho novo em odres velhos”

(Mt 9,16-27).

Podemos ainda trazer como apoio a isso: “Em comparação com esta imensa glória, o esplendor do ministério da antiga aliança já não é mais nada”

(2Cor 3,10), e

“Dessa maneira é que se dá a ab-rogação do regulamento anterior em virtude de sua fraqueza e inutilidade – a Lei, na verdade, nada levou à perfeição – e foi introduzida uma esperança melhor pela qual nos aproximamos de Deus”

(Hb 7,18-19).

Assim, não temos dúvida alguma quanto à superioridade dos ensinamentos de Jesus, principalmente se entendermos o sentido dessa passagem como o que estamos propondo.

### **Referência bibliográfica:**

Bíblia Sagrada, Ave-Maria, 1968.

## XII – MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES

48. A multiplicação dos pães é um dos milagres que mais têm intrigado os comentadores e alimentado, ao mesmo tempo, as zombarias dos incrédulos.

Sem se darem ao trabalho de lhe perscrutar o sentido alegórico, para estes últimos ele não passa de um conto pueril.

Entretanto, a maioria das pessoas sérias há visto na narrativa desse fato, embora sob forma diferente da ordinária, uma parábola, em que se compara o alimento espiritual da alma ao alimento do corpo.

Pode-se, todavia, perceber nela mais do que uma simples figura e admitir, de certo ponto de vista, a realidade de um fato material, sem que, para isso, seja preciso se recorra ao prodígio.

É sabido que uma grande preocupação de espírito, bem como a atenção fortemente presa a uma coisa fazem esquecer a fome.

Ora, os que acompanhavam a Jesus eram criaturas ávidas de ouvi-lo; nada há, pois, de espantar em que, fascinadas pela sua palavra e também, talvez, pela poderosa ação magnética que ele exercia sobre os que o cercavam, elas não tenham experimentado a necessidade material de comer.

Previendo esse resultado, Jesus nenhuma dificuldade teve para tranquilizar os discípulos, dizendo-lhes, na linguagem figurada que lhe era habitual e admitido que realmente houvessem trazido alguns pães, que estes bastariam para matar a fome à multidão.

Simultaneamente, ministrava aos referidos discípulos um ensinamento, com o lhes dizer:

“Dai-lhes vós mesmos de comer.”

Ensinava-lhes assim que também eles podiam alimentar por meio da palavra.

Desse modo, a par do sentido moral alegórico, produziu-se um efeito fisiológico, natural e muito conhecido.

O prodígio, no caso, está no ascendente da palavra de Jesus, poderosa bastante para cativar a atenção de uma multidão imensa, ao ponto de fazê-la esquecer-se de comer.

Esse poder moral comprova a superioridade de Jesus, muito mais do que o fato puramente material da multiplicação dos pães, que tem de ser considerada como alegoria.

Esta explicação, aliás, o próprio Jesus a confirmou nas duas passagens seguintes.

**Crônicas e Artigos**

54 – 04/05/2008

O Consolador - (Waldenir Aparecido Cuin)

**XII. Multiplicação dos pães**

**Multiplicar os pães**

“Quantos pães tendes? Informaram-se e disseram-lhe: Cinco pães e dois peixes.

Então tomou os cinco pães e os dois peixes e, com os olhos erguidos para o céu, pronunciou a bênção, partiu os pães e peixes e dava-os aos discípulos para que servissem a multidão.

Todos comeram até saciarem.”

( Marcos: 30)

O episódio da multiplicação dos pães e peixes, narrado pelo Novo Testamento, é, incontestavelmente, uma notável e rica lição que Jesus delegou à humanidade para servir de norte e bússola às nossas ações quotidianas.

Naquele momento histórico o Cristo não transferiu aos seus discípulos a tarefa de socorrer a multidão faminta, que O buscava sedenta de consolo e alimento.

Apenas solicitou que informassem quantos pães e peixes tinham e, após, procedeu à multiplicação dos dois gêneros, permitindo que mais de cinco mil pessoas se alimentasse.

Sem dúvida, um ensinamento profundo e valioso. Ele deu solução ao problema.

É óbvio que ninguém, em sã consciência e plena lucidez de raciocínio, se proporá a sair pela vida fazendo multiplicações de pães ou outros itens alimentícios, mas de forma alguma estamos impedidos de multiplicar os nossos talentos e recursos, de forma a contribuir para a melhoria do mundo que habitamos.

Multiplicando os pães da paciência conseguiremos conviver com as mais adversas situações e suportar os mais intrincados problemas, aqueles que desafiam o equilíbrio das nossas emoções.

Multiplicando os pães da perseverança haveremos de caminhar com coragem em defesa dos nossos ideais, onde a felicidade e a paz, por certo, figuram com meta e objetivo.

Multiplicando os pães da tolerância seguiremos firmes na compreensão das diferenças que nos cercam, principalmente no âmbito familiar, onde devemos entender que cada criatura traz consigo a própria individualidade, pensando e reagindo de modo próprio, como nós fazemos também.

Multiplicando os pães do altruísmo teceremos a teia das nossas ações sempre voltadas para o bem, onde o ser humano, em quaisquer situações e momento, será eleito como a preocupação máxima e interesse maior das nossas realizações.

Multiplicando os pães da fé e da confiança nunca deixaremos de acreditar piamente que não estamos sozinhos, mesmo que aparentemente o mundo nos mantenha isolados, pois do olhar da Providência Divina ninguém está alheio.

Multiplicando os pães do amor veremos todas as criaturas do caminho como irmãos a serem considerados dignos merecedores da nossa solidariedade e respeito.

Multiplicando os pães da alegria contagiaremos aqueles que seguem conosco, informando a eles que o otimismo e a esperança são conquistas que não podem deixar de residir no íntimo dos nossos corações.

Multiplicando os pães do silêncio, saberemos como conter a palavra descortês e, às vezes, descuidada, que se lançada poderá destilar o fiel da crítica ou o azedume do comentário menos feliz, além de evitar, muitas vezes, sérias contendas ou terríveis e inoportunas discussões.

Multiplicando os pães da humildade teremos plenas condições de combater as investidas deletérias do orgulho que tanto sofrimentos causam no seio social, e segurar os ataques perigosos do egoísmo, essa chaga nefasta que aprisiona os nobres sentimentos humanos.

Nem sempre temos condições de realizar grandes obras ou feitos, mas, por certo, temos absolutas possibilidades de fazer pequenas coisas, aquelas que realmente somam, formando a atmosfera de uma vida melhor para todos.

## A Gênese – (Parte II – Capítulo XV)

### XII – I. O fermento dos fariseus

**49.** Ora, tendo seus discípulos, passado para o outro lado do mar, esqueceram-se de levar pães. — Jesus lhes disse: Tende o cuidado de pecar-vos do fermento dos fariseus e dos saduceus. — Eles, porém, pensavam e diziam entre si: É porque não trouxemos pães. Jesus, conhecendo-lhes os pensamentos, disse: Homens de pouca fé, por que haveis de estar, cogitando de não terdes trazido pães?

Ainda não compreendeis e não vos lembrais quantos cestos levastes?

— Como não compreendereis que não é do pão que eu vos falava, quando disse que vos guardásseis do fermento dos fariseus e saduceus?

Eles então compreenderam que ele não lhes dissera que se preservassem do fermento que se põe no pão, mas da doutrina dos fariseus e dos saduceus.

(S. Mateus, 16:5 a 12.)

### XII – II. O pão do céu

**50.** No dia seguinte, o povo, que permanecera do outro lado do mar, notou que lá não chegara outra barca e que Jesus não entrara na que seus discípulos tomaram, que os discípulos haviam partido sós — e como tinham chegado depois outras barcas de Tiberíades, perto do lugar onde o Senhor, após render graças, os alimentara com cinco pães; — e como verificassem por fim que Jesus não estava lá, tampouco seus discípulos, entraram naquelas barcas e foram para Cafarnaum, em busca de Jesus.

— E, tendo-o encontrado além do mar, disseram-lhe: Mestre, quando vieste para cá? Jesus lhes respondeu: Em verdade, em verdade vos digo que me procurais, não por causa dos milagres que vistes, mas por que eu vos dei pão a comer e ficastes saciados.

— Trabalhai por ter, não o alimento que perece, mas o que dura para a vida eterna e que o Filho do Homem vos dará, porque foi nele que Deus, o Pai, imprimiu seu selo e seu caráter. Perguntaram-lhe eles: Que devemos fazer para produzir obras de Deus? — Respondeu-lhes Jesus: A obra de Deus é que creiais no que ele enviou.

Perguntaram-lhe então: Que milagre operarás que nos faça crer, vendo-o? Que farás de extraordinário? — Nossos pais comeram o maná no deserto, conforme está escrito: Ele lhes deu de comer o pão do céu.

Jesus lhes respondeu: Em verdade, em verdade vos digo que Moisés não vos deu o pão do céu; meu Pai é quem dá o verdadeiro pão do céu — porquanto o pão de Deus é aquele que desceu do céu e que dá vida ao mundo.

Disseram eles então: Senhor, dá-nos sempre desse pão. Jesus lhes respondeu: Eu sou o pão da vida; aquele que vem a mim não terá fome e aquele que em mim crê não terá sede.

— Mas, eu já vos disse: vós me tendes visto e não credes.

Em verdade, em verdade vos digo: aquele que crê em mim tem a vida eterna.

— Eu sou o pão da vida.

— Vossos pais comeram o maná do deserto e morreram.

— Aqui está o pão que desceu do céu, a fim de que quem dele comer não morra.

(S. João, 6:22-36 e 47-50.)

**51.** Na primeira passagem, lembrando o fato precedentemente operado, Jesus dá claramente a entender que não se tratara de pães materiais, pois, a não ser assim, careceria de objeto a comparação por ele estabelecida com o fermento dos fariseus: “Ainda não compreendeis, diz ele, e não vos recordais de que cinco pães bastaram para cinco mil pessoas e que dois pães foram bastantes para quatro mil? Como não compreendestes que não era de pão que eu vos falava, quando vos dizia que vos preservásseis do fermento dos fariseus?” Esse confronto nenhuma razão de ser teria, na hipótese de uma multiplicação material.

O fato fora de si mesmo muito extraordinário para ter impressionado fortemente a imaginação dos discípulos, que, entretanto, pareciam não mais lembrar-se dele.

## A Gênese – (Parte II – Capítulo XV)

É também o que não menos claramente ressalta, do que Jesus expendeu sobre o pão do céu, empenhado em fazer que seus ouvintes compreendessem o verdadeiro sentido do alimento espiritual.

“Trabalhai, diz ele, não por conseguir o alimento que perece, mas pelo que se conserva para a vida eterna e que o Filho do Homem vos dará.”

Esse alimento é a sua palavra, pão que desceu do céu e dá vida ao mundo.

“Eu sou, declara ele, o pão da vida; aquele que vem a mim não terá fome e aquele que em mim crê nunca terá sede.”

Tais distinções, porém, eram por demais sutis para aquelas naturezas rudes, que somente compreendiam as coisas tangíveis.

Para eles, o maná, que alimentara o corpo de seus antepassados, era o verdadeiro pão do céu; aí é que estava o milagre.

Se, portanto, houvesse ocorrido materialmente o fato da multiplicação dos pães, como teria ele impressionado tão fracamente aqueles mesmos homens, a cujo benefício essa multiplicação se operara poucos dias antes, ao ponto de perguntarem a Jesus:

“Que milagre farás para que, vendo-o, te creiamos? Que farás de extraordinário?”

Eles entendiam por milagres os prodígios que os fariseus pediam, isto é, sinais que aparecessem no céu por ordem de Jesus, como pela varinha de um mágico.

Ora, o que Jesus fazia era extremamente simples e não se afastava das leis da Natureza; as próprias curas não revelavam caráter muito singular, nem muito extraordinário.

Para eles, os milagres espirituais não apresentavam grande vulto.

### XIII – TENTAÇÃO DE JESUS

**52.** Jesus, transportado pelo diabo ao pináculo do Templo, depois ao cume de uma montanha e por ele tentado, constitui uma daquelas parábolas que lhe eram familiares e que a credulidade pública transformou em fatos materiais. (1)

(1) A explicação que se segue é reprodução textual do ensino que a esse respeito deu um Espírito.

**53.** “Jesus não foi arrebatado.

Ele apenas quis fazer que os homens compreendessem que a Humanidade se acha sujeita a falir e que deve estar sempre em guarda contra as más inspirações a que, pela sua natureza fraca, é impelida a ceder.

A tentação de Jesus é, pois, uma figura e fora preciso ser cego para tomá-la ao pé da letra.

Como pretenderíeis que o Messias, o Verbo de Deus encarnado, tenha estado submetido, por algum tempo, embora muito curto fosse este, às sugestões do demônio e que, como o diz o Evangelho de Lucas, o demônio o houvesse deixado por algum tempo, o que daria a supor que o Cristo continuou submetido ao poder daquela entidade? Não; compreendi melhor os ensinamentos que vos foram dados.

O Espírito do mal nada poderia sobre a essência do bem.

Ninguém diz ter visto Jesus no cume da montanha, nem no pináculo do Templo.

Certamente, tal fato teria sido de natureza a se espalhar por todos os povos.

A tentação, portanto, não constituiu um ato material e físico.

Quanto ao ato moral, admitiríeis que o Espírito das trevas pudesse dizer àquele que conhecia sua própria origem e o seu poder:

“Adora-me, que te darei todos os reinos da Terra?” Desconheceria então o demônio aquele a quem fazia tais oferecimentos? Não é provável.

Ora, se o conhecia, suas propostas eram uma insensatez, pois ele não ignorava que seria repellido por aquele que viera destruir-lhe o império sobre os homens.

“Compreendi, portanto, o sentido dessa parábola, que outra coisa aí não tendes, do mesmo modo que nos casos do Filho Pródigo e do Bom Samaritano.

Aquela mostra os perigos que correm os homens, se não resistem à voz íntima que lhes clama sem cessar:

‘Podes ser mais do que és; podes possuir mais do que possuis; podes engrandecer-te, adquirir muito; cede à voz da ambição e todos os teus desejos serão satisfeitos.’

Ela vos mostra o perigo e o meio de o evitar, dizendo às más inspirações:

Retira-te, Satanás ou, por outras palavras: Vai-te, tentação!

“As duas outras parábolas que lembrei mostram o que ainda pode esperar aquele que, por muito fraco para expulsar o demônio, lhe sucumbiu às tentações.

Mostram a misericórdia do pai de família, pousando a mão sobre a fronte do filho arrependido e concedendo-lhe, com amor, o perdão implorado.

Mostram o culpado, o cismático, o homem repellido por seus irmãos, valendo mais, aos olhos do Juiz Supremo, do que os que o desprezam, por praticar ele as virtudes que a lei de amor ensina.”

“Pesai bem os ensinamentos que os Evangelhos contêm; sabeis distinguir o que ali está em sentido próprio, ou em sentido figurado, e os erros que vos hão cegado durante tanto tempo se apagarão pouco a pouco, cedendo lugar à brilhante luz da Verdade.”

— João Evangelista, Bordeaux, 1862.



**As tentações numa perspectiva Espírita**

As tentações que acometem a criatura humana são inegáveis.

Miguel Vives dedica ao assunto todo um capítulo, o cap. IX, do seu livro O Tesouro dos Espíritos.

A Bíblia faz referências a várias delas:

O livro de Gênesis narra no cap. 3 a tentação exercida sobre Eva, no Paraíso, de tão tristes conseqüências.

Lucas fala no cap. 4 do seu Evangelho acerca das tentações de Satanás sobre Jesus.

O Eclesiástico trata do assunto nos capítulos 2, 33 e 34 e até nos dá uma receita para rechaçá-la.

O Cristo a ela se reporta na conhecida passagem que faz parte da oração dominical: “Não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal”.

Tiago menciona o assunto em sua conhecida epístola (cap. 1:14).

Jesus retorna ao tema quando ressalta a importância de vigilância e da oração para que não caiamos em tentação.

Na Doutrina Espírita o assunto é examinado em três questões sucessivas d’O Livro dos Espíritos:

1. “O livre-arbítrio se desenvolve à medida que o Espírito adquire a consciência de si mesmo. Ele não teria mais liberdade se a escolha fosse determinada por uma causa independente da sua vontade. A causa ‘de seguir o caminho do mal’ está nas influências a que cede em virtude de sua vontade. É a grande figura da queda do homem e do pecado original; alguns cederam à tentação, outros lhe resistiram.”

(L.E., questão 122.)

2. De onde provêm as influências que se exercem sobre ele? “Dos Espíritos imperfeitos, que procuram se aproximar para dominá-lo, e que se alegram em fazê-lo sucumbir. Foi isso o que se tentou simbolizar na figura de Satanás.”

(L.E., 122-A.)

3. Essa influência não se exerce sobre o Espírito senão em sua origem? “Ela o segue na sua vida de Espírito, até que tenha tanto império sobre si mesmo, que os maus desistam de obsidiá-lo.”

(L.E., 122-B.)

Não é, contudo, apenas aí que O Livro dos Espíritos se reporta ao assunto.

A principal obra de Allan Kardec trata do tema em outras 27 oportunidades, como se pode ver nas questões 459, 460, 461, 465, 466, 467, 468, 469, 472, 497, 498, 511, 525, 567, 644, 645, 660, 671, 720-A, 753, 845, 851, 872, 909, 971, 971-A e 972.

Emmanuel disserta sobre as tentações em dois de seus livros:

Religião dos Espíritos, cap. 88, e Caminho, Verdade e Vida, cap. 129.

André Luiz focaliza o assunto em três obras que integram a Série Nosso Lar:

Nos Domínios da Mediunidade, cap. 16;

Ação e Reação, cap. 7, 14 e 18, e

Sexo e Destino, cap. VI.

Como se vê, o assunto é por demais, conhecido no meio espírita e a tese exposta pela Doutrina Espírita é bem clara: Ninguém na Terra é perfeito; logo, estamos todos sujeitos às tentações, que nos acompanham pela vida afora, consoante dito expressamente na questão 122-B d’O Livro dos Espíritos.

Devemos, portanto, lembrar e pôr em prática continuamente a lição ensinada por Jesus: “Vigiai e orai para não cairdes em tentação”.

Se fugirmos disso, não tenhamos dúvida, certamente cairemos de novo nas mesmas redes em que já sucumbimos no passado.

#### XIV – PRODÍGIOS POR OCASIÃO DA MORTE DE JESUS

**54.** Ora, desde a sexta hora do dia até a nona, toda a Terra se cobriu de trevas. Ao mesmo tempo, o véu do Templo se rasgou em dois, de alto a baixo; a terra tremeu; as pedras se fenderam; — os sepulcros se abriram e muitos corpos de santos, que estavam no sono da morte, ressuscitaram; — e, saindo de seus túmulos após a ressurreição, vieram à cidade santa e foram vistos por muitas pessoas.

(S. Mateus, 27:45, 51 a 53.)

**55.** É singular que tais prodígios, operando-se no momento mesmo em que a atenção da cidade se fixava no suplício de Jesus, que era o acontecimento do dia, não tenham sido notados, pois que nenhum historiador os menciona.

Parece impossível que um tremor de terra e o ficar toda a Terra envolta em trevas durante três horas, num país onde o céu é sempre de perfeita limpidez, hajam podido passar despercebidos.

A duração de tal obscuridade teria sido quase a de um eclipse do Sol, mas os eclipses dessa espécie só se produzem na lua nova, e a morte de Jesus ocorreu em fase de lua cheia, a 14 de Nissan, dia da Páscoa dos judeus.

O obscurecimento do Sol também pode ser produzido pelas manchas que se lhe notam na superfície.

Em tal caso, o brilho da luz se enfraquece sensivelmente, porém, nunca ao ponto de determinar obscuridade e trevas.

Admitido que um fenômeno desse gênero se houvesse dado, ele decorreria de uma causa perfeitamente natural. (1)

(1) Há constantemente, na superfície do Sol, manchas físicas, que lhe acompanham o movimento de rotação e não servido para determinar-se a duração desse movimento.

Às vezes, porém, essas manchas aumentam em número, em extensão e em intensidade.

É então que se produz uma diminuição da luz e do calor solar.

O aumento do número das manchas parece coincidir com certos fenômenos astronômicos e com a posição relativa de alguns planetas, o que lhes determina o reaparecimento periódico.

É muito variável a duração daquele obscurecimento; por vezes não vai além de duas ou três horas, mas, em 535, houve um que durou catorze meses.

Quanto aos mortos que ressuscitaram, possivelmente algumas pessoas tiveram visões ou viram aparições, o que não é excepcional.

Entretanto, como então não se conhecia a causa desse fenômeno, supuseram que as figuras vistas saíam dos sepulcros.

Compungidos com a morte de seu Mestre, os discípulos de Jesus sem dúvida ligaram a essa morte alguns fatos particulares, aos quais noutra ocasião nenhuma atenção foi prestada.

Bastou, talvez, que um fragmento de rochedo se haja destacado naquele momento, para que pessoas inclinadas ao maravilhoso tenham visto nesse fato um prodígio e, ampliando-o, tenham dito que as pedras se fenderam.

Jesus é grande pelas suas obras e não pelos quadros fantásticos de que um entusiasmo pouco ponderado entendeu de cercá-lo.

**Na frente do bem**

Conta-se que, em certa ocasião, na casa dos apóstolos de Jesus, em Jerusalém, o trabalho de atendimento aos necessitados havia recrudescido.

Simão Pedro era o alvo das solicitações e das aflições.

Petitórios e queixas.

Quantos haviam escutado referências ao nome de Jesus e aos prodígios de amor que o Mestre realizara, vinham de longe.

E suplicavam.

E clamavam.

Muitos traziam querelas, outros carreavam perturbações.

Não raro, irmãos em demanda familiar entravam em rixa ali mesmo, no recinto da fraternidade, trocando injúrias e pescoções.

Viajantes em extremo desespero abordavam a generosa moradia, implorando consolação.

Muitas vezes, os rogos se degeneravam em gritaria e palavrão, frustrando a tranquilidade do santuário.

De vez que assumia a direção do grupo, era Pedro quem mais socorria os infelizes, mas, por isso mesmo, era mais intensamente policiado pelos olhos da crítica.

E as censuras contra ele desbordavam, aqui e além.

Por que consentia em receber tanta gente desorientada?

Como se entregava a delinquentes, quando se sabia responsável pela instituição?

Com que razões articulava tantas gentilezas, em favor de pessoas evidentemente desclassificadas?

Por que cercar-se de tantos tipos considerados malfeitores?

Ante a onda de reprovações que se fazia sempre mais alta, Tiago, filho de Alfeu, o lidador do Evangelho mais vigorosamente agarrado aos textos antigos, procurou Simão e comunicou-lhe a decisão de afastar-se.

Não tolerava a situação que categorizava por desequilíbrio e desordem.

Dali em diante, habitaria um tugúrio isolado na saída para Jope.

Aspirava à meditação e ao repouso.

Ansiava por sossego na vida espiritual.

Simão tentou acalmá-lo, prometeu condições melhores em futuro próximo, apequenou-se e pediu a reconsideração do companheiro.

Tiago, porém, foi inflexível.

Em dias rápidos, promoveu a mudança e encasulou-se em risonha choupana, rodeada de verdura e batida de sol.

Ali se confiava ao estudo dos apontamentos evangélicos, tratava de flores, admirava os insetos e louvava o Senhor, através das orações de hora certa.

Escoaram-se os dias, semanas, meses.

Tiago, insulado em quietude e reflexão, recordava Jesus com inexprimível saudade.

Tantas vezes, vira o Mestre, gloriosamente redivivo, depois da morte.

Por que não lhe reaparecia Jesus, agora que se consagrara a mais profundo recolhimento?

Não se achava ali, plenamente disponível, entre o silêncio e a oração?!

Uma noite surgiu em que a ausência do Mestre mais lhe pesava na alma.

Concentrou-se em rogativas, lembrou-o e chorou.

E chorava, quando viu alguém a se lhe abeirar do refúgio, banhado de luar.

O desconhecido vinha de passo ligeiro, como quem fazia o seu próprio caminho, varando a noite.

Extasiado, o apóstolo reconheceu o itinerante que, afinal, se lhe revelou, aureolado de luz.

Era o Cristo de Deus.

O discípulo ajoelhou-se e alongou os braços para recolhê-lo com mais largueza de júbilo.

## A Gênese – (Parte II – Capítulo XV)

O augusto viajor, no entanto, passou por ele, sem deter-se.

O filho de Alfeu levantou-se, de espírito oprimido, correu-lhe no encalço e gritou:

– Senhor! Senhor! Acaso, não me vêes o coração mortificado de saudade? Onde vais que não me vêes a necessidade de ti?

Jesus voltou, abraçou-o, de leve, e comunicou-lhe, num sorriso:

– Tiago, estás a salvo de lutas e tentações.

A virtude te abençoa no recanto de paz.

Vou ao encontro de Pedro, a fim de aliviar-lhe o fardo de humilhações e de lágrimas, no amparo aos nossos irmãos!

Dito isso, o Celeste Benfeitor prosseguiu viagem.

Tiago, entretanto, naquela mesma noite, reuniu os pertences pobres num carro de mão e retornou ao pouso antigo.

Bateu à porta que se lhe abriu, acolhedora, e abraçando Pedro que lhe veio ao encontro, pôde apenas dizer: “Eu estou aqui”.

## XV – APARIÇÃO DE JESUS, APÓS SUA MORTE

**56.** Mas, Maria (Madalena) se conservou fora, perto do sepulcro, a derramar lágrimas. E, estando a chorar, como se abaixasse para olhar dentro do sepulcro — viu dois anjos vestidos de branco, assentados no lugar onde estivera o corpo de Jesus, um à cabeceira, o outro do lado dos pés.

— Disseram-lhe eles: Mulher, por que choras? Ela respondeu: É que levaram o meu Senhor e não sei onde o puseram.

Tendo dito isto, voltou-se e viu a Jesus de pé, sem saber, entretanto que fosse Jesus.

— Este então lhe disse: Mulher, por que choras? A quem procuras? Ela, pensando fosse o jardineiro, lhe disse: Senhor, se foste tu quem o tirou, dize-me onde o puseste e eu o levarei. Disse-lhe Jesus: Maria. Logo ela se voltou e disse: Rabboni, isto é: Meu Senhor.

— Jesus lhe respondeu: Não me toques, porquanto ainda não subi para meu Pai; mas, vai ter com meus irmãos e dize-lhes de minha parte: Subo a meu Pai e vosso Pai, a meu Deus e vosso Deus.

Maria Madalena foi então dizer aos discípulos que vira o Senhor e que este lhe dissera aquelas coisas.

(S. João, 20:11 a 18.)

**57.** Naquele mesmo dia, indo dois deles para um burgo chamado Emaús, distante de Jerusalém sessenta estádios — falavam entre si de tudo o que se passara.

— E aconteceu que, quando conversavam e discorriam sobre isso, Jesus se lhes juntou e se pôs a caminhar com eles; — seus olhos, porém, estavam tolhidos, a fim de que não o pudessem reconhecer.

— Ele disse: De que vínheis falando a caminhar e por que estais tão tristes? Um deles, chamado Cleofas, tomando a palavra disse: Serás em Jerusalém o único estrangeiro que não saiba do que aí se passou estes últimos dias? — Que foi? Perguntou ele. Responderam-lhe:

A respeito de Jesus de Nazaré, que foi um poderoso profeta diante de Deus e diante de toda a gente, e acerca do modo por que os príncipes dos sacerdotes e os nossos senadores o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram.

— Ora, nós esperávamos fosse ele quem resgatasse a Israel, no entanto, já estamos no terceiro dia depois que tais coisas se deram.

— É certo que algumas mulheres das que estavam conosco nos espantaram, pois que, tendo ido ao seu sepulcro antes do romper do dia, nos vieram dizer que anjos mesmos lhes apareceram, dizendo-lhes que ele está vivo.

— E alguns dos nossos, tendo ido também ao sepulcro, encontraram todas as coisas conforme as mulheres haviam referido; mas, quanto a ele, não o encontraram.

Disse-lhes então Jesus: Oh! Insensatos, de coração tardo a crer em tudo a que os profetas hão dito! Não era preciso que o Cristo sofresse todas essas coisas e que entrasse assim na sua glória? — E, a começar de Moisés, passando em seguida por todos os profetas, lhes explicava o que em todas as Escrituras fora dito dele.

Ao aproximarem-se do burgo para onde se dirigiam, ele deu mostras de que ia mais longe.

— Os dois o obrigaram a deter-se, dizendo-lhe: Fica conosco, que já é tarde e o dia está em declínio.

Ele entrou com os dois.

— Estando com eles à mesa tomou do pão, abençoou-o e lhes deu.

— Abriram-se-lhes ao mesmo tempo os olhos e ambos o reconheceram; ele, porém, lhes desapareceu das vistas.

Então, disseram um ao outro: Não é verdade que o nosso coração ardia dentro de nós, quando ele pelo caminho nos falava, explicando-nos as Escrituras? — E, erguendo-se no mesmo instante, voltaram a Jerusalém e viram que os onze apóstolos e os que continuavam com eles estavam reunidos — e diziam: O Senhor em verdade ressuscitou e apareceu a Simão.

## A Gênese – (Parte II – Capítulo XV)

— Então, também eles narraram o que lhes acontecera em caminho e como o tinham reconhecido ao partir o pão.

Enquanto assim confabulavam, Jesus se apresentou no meio deles e lhes disse: A paz seja convosco; sou eu, não vos assusteis.

— Mas, na perturbação e no medo de que foram tomados, eles imaginaram, estar vendo um Espírito. E Jesus lhes disse: Por que vos turbais? Por que se elevam tantos pensamentos nos vossos corações? — Olhai para as minhas mãos e para os meus pés e reconhecei que sou eu mesmo.

Tocai-me e considerai que um Espírito não tem carne, nem osso, como vedes que eu tenho.

— Dizendo isso, mostrou-lhes as mãos e os pés.

Mas, como eles ainda não acreditavam, tão transportados de alegria e de admiração se achavam, disse-lhes: Tendes aqui alguma coisa que se coma? — Eles lhe apresentaram um pedaço de peixe assado e um favo de mel.

— Ele comeu diante deles e, tomando os restos, lhes deu, dizendo: Eis que, estando ainda convosco, eu vos dizia que era necessário se cumprisse tudo o que de mim foi escrito na lei de Moisés, nos profetas e nos Salmos.

Ao mesmo tempo lhes abriu o espírito, a fim de que entendessem as Escrituras — e lhes disse: É assim que está escrito e assim era que se fazia necessário sofresse o Cristo e ressuscitasse dentre os mortos ao terceiro dia; — e que se pregasse em seu nome a penitência e a remissão dos pecados em todas as nações, a começar por Jerusalém.

— Ora, vós sois testemunhas dessas coisas.

— Vou enviar-vos o dom de meu Pai, o qual vos foi prometido; mas, por enquanto, permaneci na cidade, até que eu vos haja revestido da força do Alto.

(S. Lucas, 24:13 a 49.)

**58.** Ora, Tomé, um dos doze apóstolos, chamado Dídimo, não se achava com eles quando Jesus lá foi vindo.

— Os outros discípulos então lhe disseram: Vimos o Senhor.

Ele, porém, lhes disse: Se eu não vir nas suas mãos as marcas dos cravos que as atravessaram e não puser o dedo no buraco feito pelos cravos e minha mão no rasgão do seu lado, não acreditarei, absolutamente.

Oito dias depois, estando ainda os discípulos no mesmo lugar e com eles Tomé, Jesus se apresentou, achando-se fechadas as portas, e, colocando-se no meio deles, disse-lhes: A paz seja convosco.

Disse em seguida a Tomé: Põe aqui o teu dedo e olha minhas mãos; estende também a tua mão e mete-a no meu lado e não sejas incrédulo, mas fiel.

— Tomé lhe respondeu: Meu Senhor e meu Deus! — Jesus lhe disse: Tu creste, Tomé, porque viste; ditosos os que creiam sem ver.

(S. João, 20:24 a 29.)

**59.** Jesus também se mostrou depois aos seus discípulos à margem do mar de Tiberíades, mostrando-se desta forma:

Simão Pedro e Tomé, chamado Dídimo, Natanael, que era de Caná, na Galiléia, os filhos de Zebedeu e dois outros de seus discípulos estavam juntos.

— Disse-lhes Simão Pedro: Vou pescar.

Os outros disseram: Também nós vamos contigo.

Foram-se e entraram numa barca; mas, naquela noite, nada apanharam.

Ao amanhecer, Jesus apareceu à margem sem que seus discípulos conhecessem que era ele.

— Disse-lhes então: Filhos, nada tendes que se coma? Responderam-lhe: Não. Disse-lhes ele: Lançai a rede do lado direito da barca e achareis.

Eles a lançaram logo e quase não a puderam retirar, tão carregada estava de peixes.

Então, o discípulo a quem Jesus amava disse a Pedro: É o Senhor.

Simão Pedro, ao ouvir que era o Senhor, vestiu-se (pois que estava nu) e se atirou ao mar.

## A Gênese – (Parte II – Capítulo XV)

— Os outros discípulos vieram com a barca, e, como não estavam distantes da praia mais de duzentos côvados, puxaram daí a rede cheia de peixes.  
(S. João, 21:1 a 8.)

**60.** Depois disso, ele os conduziu para Betânia e, tendo lavado as mãos, os abençoou — e, tendo-os abençoado, se separou deles e foi arrebatado ao céu.  
Quanto a eles, depois de o terem adorado, voltaram para Jerusalém, cheios de alegria.  
— Estavam constantemente no templo, louvando e bendizendo a Deus. Amém.  
(S. Lucas, 24:50 a 53.)

**61.** Todos os evangelistas narram as aparições de Jesus, após sua morte, com circunstanciados pormenores que não permitem se duvide da realidade do fato.  
Elas, aliás, se explicam perfeitamente pelas leis fluídicas e pelas propriedades do perispírito e nada de anômalo apresentam em face dos fenômenos do mesmo gênero, cuja história, antiga e contemporânea, oferece numerosos exemplos, sem lhes faltar sequer a tangibilidade.  
Se notarmos as circunstâncias em que se deram as suas diversas aparições, nele reconheceremos, em tais ocasiões, todos os caracteres de um ser fluídico.  
Aparece inopinadamente e do mesmo modo desaparece; uns o vêem, outros não, sob aparências que não o tornam reconhecível nem sequer aos seus discípulos; mostra-se em recintos fechados, onde um corpo carnal não poderia penetrar; sua própria linguagem carece da vivacidade da de um ser corpóreo; fala em tom breve e sentencioso, peculiar aos Espíritos que se manifestam daquela maneira; todas as suas atitudes, numa palavra, denotam alguma coisa que não é do mundo terreno.  
Sua presença causa simultaneamente surpresa e medo; ao vê-lo, seus discípulos não lhe falam com a mesma liberdade de antes; sentem que já não é um homem.  
Jesus, portanto, se mostrou com o seu corpo perispirítico, o que explica que só tenha sido visto pelos que ele quis que o vissem.  
Se estivesse com o seu corpo carnal, todos o veriam, como quando estava vivo.  
Ignorando a causa originária do fenômeno das aparições, seus discípulos não se apercebiam dessas particularidades, a que, provavelmente, não davam atenção.  
Desde que viam o Senhor e o tocavam, haviam de achar que aquele era o seu corpo ressuscitado. (Cap. XIV, nos 14 e 35 a 38.) **62.**  
Ao passo que a incredulidade rejeita todos os fatos que Jesus produziu, por terem uma aparência sobrenatural, e os considera, sem exceção, lendários, o Espiritismo dá explicação natural à maior parte desses fatos.  
Prova a possibilidade deles, não só pela teoria das leis fluídicas, como pela identidade que apresentam com análogos fatos produzidos por uma imensidade de pessoas nas mais vulgares condições.  
Por serem, de certo modo, tais fatos do domínio público, eles nada provam, em princípio, com relação à natureza excepcional de Jesus (1)

(1) Os inúmeros fatos contemporâneos de curas, aparições, possessões, dupla vista e outros, que se encontram relatados na Revue Spirite e lembrados nas observações acima, oferecem, até quanto aos pormenores, tão flagrante analogia com os que o Evangelho narra, que ressalta evidente a identidade dos efeitos e das causas.  
Não se compreende que o mesmo fato tivesse hoje uma causa natural e que essa causa fosse sobrenatural outrora; diabólica com uns e divina com outros.  
Se fora possível pô-los aqui em confronto uns com os outros, a comparação mais fácil se tornaria; não o permitem, porém, o número deles e os desenvolvimentos que a narrativa reclamaria.

**63.** O maior milagre que Jesus operou, o que verdadeiramente atesta a sua superioridade, foi a revolução que seus ensinamentos produziram no mundo, malgrado à exiguidade dos seus meios de ação.

## **A Gênese – (Parte II – Capítulo XV)**

Com efeito, Jesus, obscuro, pobre, nascido na mais humilde condição, no seio de um povo pequenino, quase ignorado e sem preponderância política, artística ou literária, apenas durante três anos prega a sua doutrina; em todo esse curto espaço de tempo é desatendido e perseguido pelos seus concidadãos; vê-se obrigado a fugir para não ser lapidado; é traído por um de seus apóstolos, renegado por outro, abandonado por todos no momento em que cai nas mãos de seus inimigos.

Só fazia o bem e isso não o punha ao abrigo da malevolência, que dos próprios serviços que ele prestava tirava motivos para o acusar.

Condenado ao suplício que só aos criminosos era infligido, morre ignorado do mundo, visto que a História daquela época nada diz a seu respeito (1).

Nada escreveu; entretanto, ajudado por alguns homens tão obscuros quanto ele, sua palavra bastou para regenerar o mundo; sua doutrina matou o paganismo onipotente e se tornou o facho da civilização.

Tinha contra si tudo o que causa o malogro das obras dos homens, razão por que dizemos que o triunfo alcançado pela sua doutrina foi o maior dos seus milagres, ao mesmo tempo que prova ser divina a sua missão.

Se, em vez de princípios sociais e regeneradores, fundados sobre o futuro espiritual do homem, ele apenas houvesse legado à posteridade alguns fatos maravilhosos, talvez hoje mal o conhecessem de nome.

(1) Dele unicamente fala o historiador judeu Flávio Josefo, que, aliás, diz bem pouca coisa.



**Crônicas e Artigos**

264 – 10/06/2012

O Consolador - (Jane Martins Vilela)

**XV. Aparição de Jesus após sua morte**

**Reflexão**

“Tomé, no Evangelho do Reino, o sinal do céu tem que ser o completo sacrifício de nós mesmos!.”  
- Jesus. (“Boa Nova”, de Humberto de Campos, psicografado por Chico Xavier.)

No dia-a-dia de nossas vidas, somos deparados com situações que nos ensinam, no âmbito dos próprios sentimentos. Convivemos com pessoas que caminham com emoções e ideias contrárias às nossas. São os mestres que a bondade Divina permite que passem e nos façam enxergar nossas imperfeições.

Necessário é viver com paciência uns com os outros e revelar compreensão para com os erros alheios, porque, por nossa vez, também necessitamos da compreensão alheia. É preciso aprender a amar e, para isso, é pedido renúncia, devotamento à causa do bem e da paz, sacrifício pessoal.

Ao espírita é pedido amor e instrução. A instrução capacita pelo conhecimento a aquisição do saber, mas amor diviniza. Amor e instrução juntos, eis a sabedoria. A beleza do Espiritismo, que alça aquele que o vivencia à fé no futuro, à certeza da imortalidade, consolando as almas em dor, trazendo de volta a comunicação dos espíritos com a Terra, que Jesus apresentou aos seus seguidores após a morte, vindo a eles, faz do Espiritismo um consolador por excelência, mas é preciso que, urgentemente, seja o amor a nossa busca e a nossa escolha primeira.

Do livro “Boa Nova”, já citado no início, vemos Jesus, antes da morte, elucidando Tomé quando de sua pergunta: Mestre, qual será então nossa senha? Como provar às criaturas que nosso esforço está com Deus?

-Uma só lágrima, que consola, e esclareça um coração atormentado –explicou Jesus – vale mais do que um sinal imenso do céu, destinado tão somente a impressionar os miseráveis sentidos da criatura. A nossa senha, Tomé é a nossa própria exemplificação, na humildade e no trabalho.

Quando quiseres esclarecer o espírito de alguém, nunca lhe mostres que sabia alguma coisa: sofre porém, com as suas dores e colherás resultado.

A redenção consiste em amar intensamente. Se te interessas por um amigo, suporta os seus infortúnios e imperfeições, anda em sua companhia nos dias amargos e dolorosos! O nosso sinal é o do amor que eleva e santifica porque só ele tem a luz que atravessa os grandes abismos. Vai e não descreias, porque não triunfaremos no mundo somente pelo que fizermos, mas também pelo que deixarmos de fazer, no âmbito de suas falsas grandezas!

A resposta de Jesus a Tomé é para todos nós, aqueles que estamos no mundo, aprendendo com as experiências.

Olhem-nos interiormente e que sempre seja o amor a nossa escolha! Temos repetido isso muitas vezes, porque necessitamos nos elevar no amor, para sairmos do patamar das emoções primárias, aquelas que demonstram orgulho e egoísmo e ainda seguram o homem na agressão e na violência. Que subamos para o patamar da intuição e da oração. Aprender a amar é fundamental e isso requer sacrifício continuado do “eu”.

Na página do “Boa Nova”, Jesus, após a morte, aparece para seus discípulos, inclusive para Tomé, que, antes ausente, incrédulo, duvidara de sua aparição anterior, aproxima-se dele e lhe diz:” Tomé, põe a tua mão nas minhas chagas e não te esqueças de que é o sinal.”

## **A Gênese – (Parte II – Capítulo XV)**

Completando, diz Humberto de Campos: Tomé compreendeu finalmente que o martírio do coração que ama se reveste de misterioso poder. Sua alma acabava de vencer uma grande batalha. O coração triunfara do cérebro, o sentimento lhe acrisolara a fé.

Como estamos? Reflitamos. Apenas raciocínio? Apenas coração? Unamos ambos, com conhecimento e amor.

Iluminemos nossos sentimentos e engrandeçamo-nos, na conduta anônima de todos os dias, em todos os lugares, sendo os discípulos do Cristo na atualidade, cristãos sinceros, espíritas como devemos ser, o verdadeiro espírita, aquele que, em se conhecendo, faz esforços para melhorar-se.

## **XVI – DESAPARECIMENTO DO CORPO DE JESUS**

**64.** O desaparecimento do corpo de Jesus após sua morte há sido objeto de inúmeros comentários.

Atestam-no os quatro evangelistas, baseados nas narrativas das mulheres que foram ao sepulcro no terceiro dia depois da crucificação e lá não o encontraram.

Viram alguns, nesse desaparecimento, um fato milagroso, atribuindo-o outros a uma subtração clandestina.

Segundo outra opinião, Jesus não teria tido um corpo carnal, mas apenas um corpo fluídico; não teria sido, em toda a sua vida, mais do que uma aparição tangível; numa palavra: uma espécie de agêneres.

Seu nascimento, sua morte e todos os atos materiais de sua vida teriam sido apenas aparentes. Assim foi que, dizem, seu corpo, voltado ao estado fluídico, pode desaparecer do sepulcro e com esse mesmo corpo é que ele se teria mostrado depois de sua morte.

É fora de dúvida que semelhante fato não se pode considerar radicalmente impossível, dentro do que hoje se sabe acerca das propriedades dos fluidos; mas, seria, pelo menos, inteiramente excepcional e em formal oposição ao caráter dos agêneres.

(Cap. XIV, nº 36.)

Trata-se, pois, de saber se tal hipótese é admissível, se os fatos a confirmam ou contradizem.

**65.** A estada de Jesus na Terra apresenta dois períodos: o que precedeu e o que se seguiu à sua morte.

No primeiro, desde o momento da concepção até o nascimento, tudo se passa, pelo que respeita à sua mãe, como nas condições ordinárias da vida (1).

Desde o seu nascimento até a sua morte, tudo, em seus atos, na sua linguagem e nas diversas circunstâncias da sua vida, revela os caracteres inequívocos da corporeidade.

São acidentais os fenômenos de ordem psíquica que nele se produzem e nada têm de anômalos, pois que se explicam pelas propriedades do perispírito e se dão, em graus diferentes, noutros indivíduos.

Depois de sua morte, ao contrário, tudo nele revela o ser fluídico.

É tão marcada a diferença entre os dois estados, que não podem ser assimilados.

(1) Não falamos do mistério da encarnação, com o qual não temos que nos ocupar aqui e que será examinado ulteriormente.

Nota da Editora: Kardec, em vida, não pôde cumprir esta promessa, visto que, no ano seguinte, ao dar publicação a esta obra, foi chamado à Pátria Espiritual.

O corpo carnal tem as propriedades inerentes à matéria propriamente dita, propriedades que diferem essencialmente das dos fluidos etéreos; naquela, a desorganização se opera pela ruptura da coesão molecular.

Ao penetrar no corpo material, um instrumento cortante lhe divide os tecidos; se os órgãos essenciais à vida são atacados, cessa-lhes o funcionamento e sobrevém a morte, isto é, a do corpo.

Não existindo nos corpos fluídicos essa coesão, a vida aí já não repousa no jogo de órgãos especiais e não se podem produzir desordens análogas àquelas.

Um instrumento cortante ou outro qualquer penetra num corpo fluídico como se penetrasse numa massa de vapor, sem lhe ocasionar qualquer lesão.

Tal a razão por que não podem morrer os corpos dessa espécie e por que os seres fluídicos, designados pelo nome de agêneres, não podem ser mortos.

Após o suplício de Jesus, seu corpo se conservou inerte e sem vida; foi sepultado como o são de ordinário os corpos e todos o puderam ver e tocar.

Após a sua ressurreição, quando quis deixar a Terra, não morreu de novo; seu corpo se elevou, desvaneceu e desapareceu, sem deixar qualquer vestígio, prova evidente de que aquele corpo

## A Gênese – (Parte II – Capítulo XV)

era de natureza diversa da do que pereceu na cruz; donde forçoso é concluir que, se foi possível que Jesus morresse, é que carnal era o seu corpo.

Por virtude das suas propriedades materiais, o corpo carnal é a sede das sensações e das dores físicas, que repercutem no centro sensitivo ou Espírito.

Quem sofre não é o corpo, é o Espírito recebendo o contragolpe das lesões ou alterações dos tecidos orgânicos.

Num corpo sem Espírito, absolutamente nula é a sensação.

Pela mesma razão, o Espírito, sem corpo material, não pode experimentar os sofrimentos, visto que estes resultam da alteração da matéria, donde também forçoso é se conclua que, se Jesus sofreu materialmente, do que não se pode duvidar, é que ele tinha um corpo material de natureza semelhante ao de toda gente.

**66.** Aos fatos materiais juntam-se fortíssimas considerações morais.

Se as condições de Jesus, durante a sua vida, fossem as dos seres fluídicos, ele não teria experimentado nem a dor, nem as necessidades do corpo.

Supor que assim haja sido é tirar-lhe o mérito da vida de privações e de sofrimentos que escolhera, como exemplo de resignação.

Se tudo nele fosse aparente, todos os atos de sua vida, a reiterada predição de sua morte, a cena dolorosa do Jardim das Oliveiras, sua prece a Deus para que lhe afastasse dos lábios o cálice de amarguras, sua paixão, sua agonia, tudo, até ao último brado, no momento de entregar o Espírito, não teria passado de vão simulacro, para enganar com relação à sua natureza e fazer crer num sacrifício ilusório de sua vida, numa comédia indigna de um homem simplesmente honesto, indigna, portanto, e com mais forte razão de um ser tão superior.

Numa palavra: ele teria abusado da boa-fé dos seus contemporâneos e da posteridade.

Tais as consequências lógicas desse sistema, consequências inadmissíveis, porque o rebaixariam moralmente, em vez de o elevarem. (1)

Jesus, pois, teve, como todo homem, um corpo carnal e um corpo fluídico, o que é atestado pelos fenômenos materiais e pelos fenômenos psíquicos que lhe assinalaram a existência.

**67.** Não é nova essa idéia sobre a natureza do corpo de Jesus.

No quarto século, Apolinário, de Laodicéia, chefe da seita dos apolinaristas, pretendia que Jesus não tomara um corpo como o nosso, mas um corpo impassível, que descera do céu ao seio da santa Virgem e que não nascera dela; que, assim, Jesus não nascera, não sofrera e não morrerá, senão em aparência.

Os apolinaristas foram anatematizados no concílio de Alexandria, em 360; no de Roma, em 374; e no de Constantinopla, em 381.

Tinham a mesma crença os Docetas (do grego dokein, aparecer), seita numerosa dos Gnósticos, que subsistiu durante os três primeiros séculos. (2)

(1) Diante das comunicações e dos fenômenos surgidos após a partida de Kardec, concluiu-se que não houve realmente vão simulacro, como igualmente não houve simulacro de Jesus, após a sua morte, ao pronunciar as palavras que foram registradas por Lucas (24:39):

— “Sou eu mesmo, apalpai-me e vede, porque um Espírito não tem carne nem osso, como vedes que eu tenho.”

(2) Não somente foram anatematizados os apolinaristas, mas também os reencarnacionistas e os que se põem em comunicação com os mortos.

**Especial**

389 – 16/11/2014

O Consolador - (José Passini)

**XVI. Desaparecimento do corpo de Jesus**

**Diante da morte**

**Jesus depois da crucificação**

A lição mais extraordinária a respeito da imortalidade, dada por Jesus, foi, infelizmente, sepultada pelos teólogos, que preferiram criar a absurda teoria da ressurreição da carne, embora Paulo já a tivesse negado.

(I Co, 15:50.)

Nesse particular, há pontos que devem merecer atenção: como Jesus apareceu vestido como um homem da época – a ponto de Madalena, ao vê-lo de costas, imaginar fosse o hortelão –, se o seu corpo fora retirado nu da cruz? Ora, como atestam os evangelistas, suas roupas foram divididas entre os soldados que, segundo o costume dos romanos, despiam os crucificados (Jo, 19:23). Os tratados teológicos não explicam por que Jesus passou a agir de maneira totalmente diferente de como agia antes do suplício: passara a aparecer e desaparecer subitamente e a atravessar portas fechadas. Além disso, não mais se hospedou em casa de ninguém; não fez mais refeições habituais como fizera até então.

Será que durante esses quarenta dias que medeiam a ressurreição e a ascensão, Jesus não quis mostrar que continuava vivo, mas que não estava mais encarnado? Se o corpo era carnal, por que não agira assim antes? Por que voltaria para o “céu”, levando um corpo que não tivera antes? E, raciocinando de acordo com o dogma católico protestante, de Jesus ter sido o próprio Deus encarnado – ou pelo menos, um terço da Trindade –, como poderia levar um corpo físico gerado na Terra e acrescentá-lo à Divindade? Nesse caso, Deus não estaria completo até então, pois aquilo que está completo não aceita mais acréscimo algum. Além do mais, esse raciocínio seria aceitável durante a Idade Média, quando a Terra gozava do status de ser o centro do Universo, mas hoje, diante do que se conhece a respeito do Cosmo, é inaceitável tal teoria, mesmo que o Universo fosse constituído apenas pela nossa galáxia, a Via Láctea.

**Que aconteceu com o corpo de Jesus?**

Fica, entretanto, para muitas pessoas, uma pergunta que invariavelmente aparece quando são feitos estes comentários: Se o túmulo estava vazio e o corpo com que Jesus se apresentava era espiritual, onde ficara seu corpo físico? O Mestre, evidentemente, não podia esclarecer o assunto àqueles com quem convivera, conforme se comprova em suas palavras, já citadas: “Ainda tenho muito a vos dizer, mas não o podeis suportar agora”

(Jo, 16:12).

Cumprindo a promessa de Jesus, o Consolador vem relembrar as suas lições e explicar muitos fatos que foram registrados pelos Evangelistas, mas que à época não foram compreendidos, como as súbitas aparições de Jesus no cenáculo, atravessando portas fechadas (Jo, 20:19) e na pesca (Jo: 21:4 a 14), e o seu desaparecimento desconcertante diante dos companheiros de caminhada a Emaús (Luc, 24:31).

Tais fatos, tomados por miraculosos por muitos teólogos, encontram no Espiritismo explicações claras e lógicas, não no campo das especulações teológicas, mas dentro da objetividade da Ciência, nas pesquisas do fenômeno de materialização – hoje chamado de ectoplasma pelos parapsicólogos – levado a efeito por vários cientistas, entre os quais se destaca a figura de Sir William Crookes, o célebre físico inglês, que pôde provar que o Espírito Katie King, com seu corpo espiritual materializado, limitava-se dentro do plano material como se estivesse encarnado, tornando-se visível, audível e tangível.

(Cf. “Fatos Espíritas”, William Crookes; “História do Espiritismo”, Arthur Conan Doyle.) (1)

## **A Gênese – (Parte II – Capítulo XV)**

Quanto ao desaparecimento do corpo físico de Jesus, pode-se ter um esclarecimento sobre a dissipação de fluidos remanescentes em cadáveres, no livro “Obreiros da Vida Eterna”, de André Luiz (caps. 15 e 16).

Trata-se de operação piedosa levada a efeito por benfeitores espirituais, que dissipam na atmosfera os fluidos remanescentes no corpo, antes do sepultamento, a fim de resguardá-lo da profanação que poderia ser levada a efeito por Espíritos inferiores, habitantes dos cemitérios.

### **Por que o corpo de Jesus desapareceu?**

Fazendo-se um paralelo, é lícito supor que o próprio Mestre se haja encarregado de dissipar as energias remanescentes em seu corpo e, ao fazê-lo, desmaterializou-o completamente.

Essa desmaterialização é a explicação mais plausível para o aparecimento da figura – de frente e de costas – gravada na peça de linho chamada O Santo Sudário, guardada pela Igreja Católica como relíquia, onde aparece a figura de um homem flagelado, com ferimentos na cabeça, com marca de um ferimento no flanco, com marca de cravos nos punhos e nos pés, tudo conforme descrições contidas no Novo Testamento.

É fácil entender que o corpo de Jesus não poderia ficar no túmulo, pois quando se divulgasse a notícia que o Mestre ressurgira da morte seu corpo seria fatalmente exposto pelos sacerdotes, a fim de negar a ressurreição, que, para quase todos, era apenas física.

O Mestre não podia explicar tudo o que acontecia, por falta de maturidade daqueles com quem convivia, por isso prometeu: “Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai vos enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito”. (Jo, 14:26.)

Cumprindo sua promessa, Jesus enviou-nos o Espiritismo, que nos esclarece a respeito da nossa imortalidade.

(1) O livro Fatos Espíritas, de William Crookes.